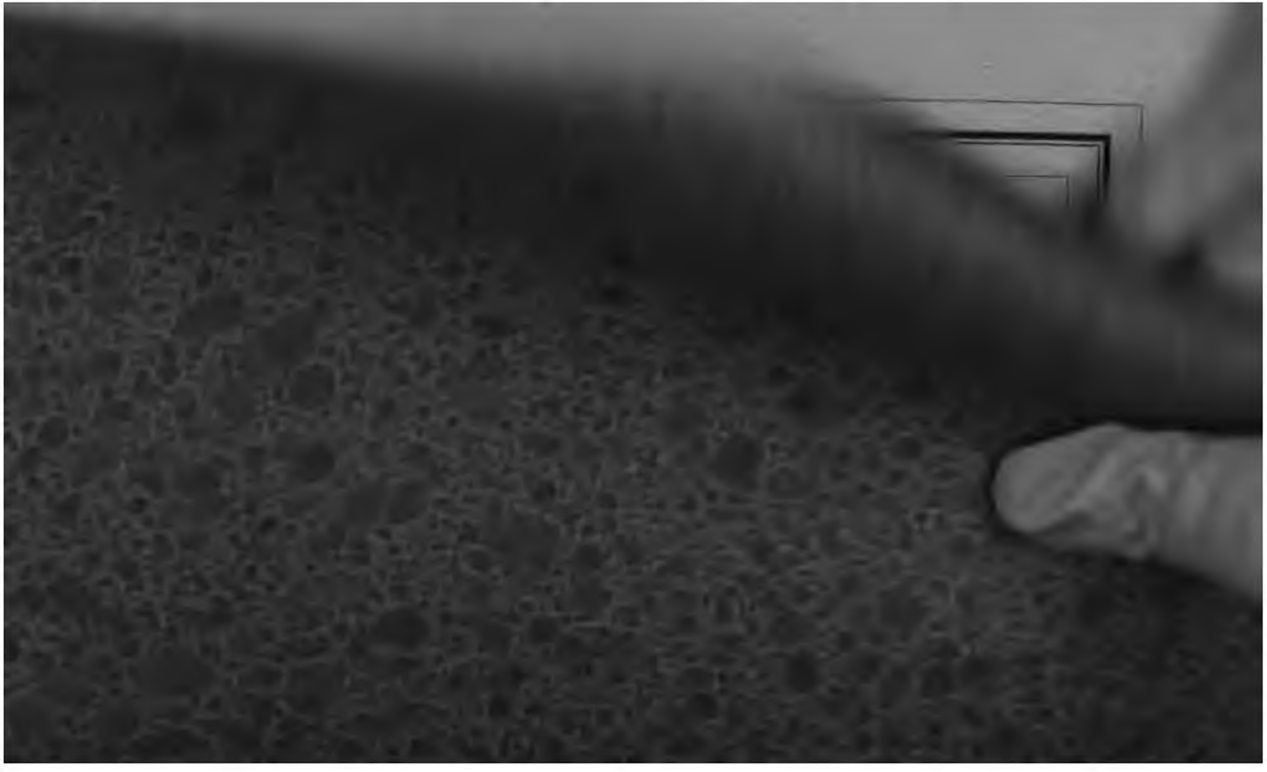
869.8
A9938
aP

A 465662

FLORESCE·A·LUZ
LIVRARIA ACADÉMICA
J. GUEDES DA SILVA
8, R. MÁRTIRES DA LIBERDADE, 12
PORTO — TELEFONE, 25988

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
LIBRARIES



150.

150-

APPARIÇÕES

VERSOS

DE

GUILHERME DE AZEVEDO

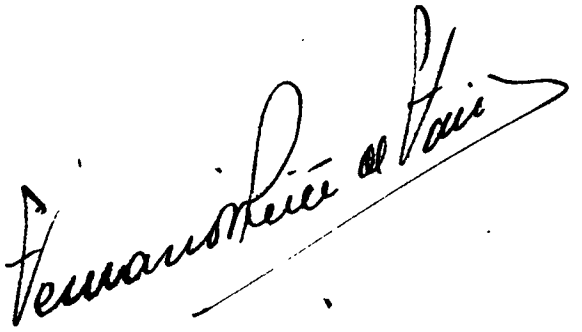
COM UMA CARTA

DE

ERNESTO MAREGOS

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES
RUA DOS CALAFATES, 110

1867



APPARIÇÕES

APPARIÇÕES

VERSOS

DE

GUILHERME DE AZEVEDO

—

COM UMA CARTA

DE

ERNESTO MACHADO

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES
RUA DOS CALAFATES, 110
—
1867

869.8
A9938 a7

No silencio da noite quando a aragem
A furto aspira o perfumado alento
Á flôr da larangeira,
E a rever-se no azul do firmamento
No entanto o lago em si reflecte a imagem
Tentadora da estrella feiticeira;
Se tu scismando n'amplidão celeste,
Na immensa praia, nos longiquos mares,
Um dia detiveste
Absortos nos espaços teus olhares;
Recorda, ao ler-me, a apparição divina,
O vulto aério e casto
Que á vida te sorriu dos umbraes santos,
Que o seu lucido rasto
É o mesmo que illumina
Os meus timidos cantos.

874066-170

I

Á musa

Á luz das noites serenas
A capella d'açucenas
Te envolve em lucido veu!
Ao meigo clarão da lua
És a imagem que fluctua
No puro ambiente do ceu!

E os ternos suspiros soltos,
E os teus cabellos revoltos
Ao sabor da viração,
Perpassam brandos na mente
Como as brisas do poente
Na cratera do vulcão!

Ó santa imagem querida,
Como és bella adormecida!
Que mysterio em teu pallor!
Que doçura no teu canto,
E que perfume tão santo
Nas tuas scismas d'amor!

Deixa cahir uma rosa
Da tua fronte mimosa,
Da vida no turvo mar!
Descerra-me o paraiso
Que no teu fugaz sorriso
Nos faz viver e sonhar!

II

Ao seculo

Caminha, humanidade, a tua vista incerta
Na luz ficta sem medo, eleva a fronte mais.
Caminha até que emfim d'esses grilhões liberta
Cantar possas victoria em coros triumphaes.

Na voragem do tempo, á temerosa vaga
Sem norte a mão do fado arroja o teu baixel!
E uma gloria o que val, se ella outra gloria apaga,
Se fenece uma palma á sombra d'um laurel?!

De conquista em conquista ao sceptro omnipotente
A dextra de que serve, encadeada, alçar;

Se uma perola só, d'elle um rubi sómente
No sol a tua vista em vão tenta fictar?

O genio, o que te val um passo dado ávante,
Se o solio que construes do templo que destroes
Em breve se desfaz!... Se voam n'um instante
Co'o pó do monumento as cinzas dos heroes!

Se na luta succumbe o audaz guerreiro um dia
Em que tentou livrar os pulsos de grilhões,
Aspire a eterna gloria ou sonhe uma utopia
Chame-se embora Gracco, ou Luthero, ou Camões!

E como da cratera ardente irrompe a lava,
E vôa e corre e funde, a rocha, a serra, o val,
Assim o tempo volve, e sobre a terra escrava
Prosterna a geração que aguarda a voz final!...

Mas comtudo quem sabe o vôo audacioso,
Quem sabe até que ponto um dia alcançará,
Devassando talvez o veu mysterioso
Que aos olhos nos esconde o throno de Jehová!

Quem sabe, ó genio? quem a sorte prophetisa
Quando os augures hoje emfim dormem no pó,
E o canto do vidente e a voz da phytonisa
As noites do passado agora encantam só?!

A nuvem já fendeste, e ás mãos da tempestade
A setta encandescida a tua mão roubou!
E, sem gladios o ceu, mais altiva a impiedade
Sobre a terra talvez desde hontem campeou!

E apenas a manhã do dia triumphante
No lucido horisonte acaba de romper!
N'amplidão quando o sol, d'explendores ovante,
A noite que inda avulta emfim esclarecer;

No vôo sobranceiro as palmas da victoria
Teu curso hão de juncar d'um ceu a outro ceu,
Submisso o mesmo mar cantando a tua gloria
Da luta porfiosa explendido tropheu!...

E da ameia feudal decrepita a ruina
Succumbirá de todo á portentosa mão,

Que em arado transforma infame guilhotina
E em rapido baixel grilhões d'escravidão!

Ao largo lança o olhar no ceu desnuveado
A estrella que promette ao mundo eterna paz,
Não é do fanatismo o fogo, alimentado
Da pagina onde o genio ergueu seu vôo audaz!

Reluz novo Sinay no facho luminoso,
Que intenta á escuridão romper o intenso veu,
Ovante derramando o brilho radioso
D'um mar a outro mar, d'um ceu a outro ceu!...

III

És a mesma

És a mesma! Dos olhos divinos
Como outr'ora inda a luz irradias!
És a mesma visão d'outros dias
Só mais pallida um pouco talvez.
Hoje á vista de novo me surges
A candura do ceu respirando,
Qual a imagem que em sonhos vagando
Nos sorri só na vida uma vez!

És a mesma! Na fronte poetica
Da poesia que vem da tristeza,
Mais uns traços de meiga belleza
O pallor divinal augmentou.

Brilha sempre em teu rosto sympathico
A luz branda que a estrella projecta
Em seus raios prendendo o poeta
Se, ditoso, no mundo a fictou!...

E eu me lembro d'aquelles instantes
Que passaram qual vaga harmonia,
Quando os versos pausados te ouvia,
Como um hymno dos ceus, recitar!
Eu me lembro!... Os requebros sentidos,
Que do seio dos anjos se exhalam,
Sempre á mente incendida nos fallam
Com saudade e ternura sem par!

Oh! se ha horas bemditas na vida
E momentos de terna ventura,
É só quando em nossa alma fulgura
Uma chamma que d'outrem provém!
Como a luz que nos gelos dos polos
Muda a neve em crystal luminoso,
A tristura n'um sonho ditoso
Em nossa alma se torna tambem!

Eu vivia nas trevas envolto
Sem cuidar em futuros risonhos,
Desprezando o mysterio dos sonhos,
Sepultado n'um longo dormir!
Mas um dia uma estrella propicia
Innundou-me da lucida chamma
Que no peito a paixão nos inflamma
E nos faz aspirar ao porvir!

Eras tu, ó centelha divina,
Que rompias da noite o negrume,
E os teus raios de vivido lume
No meu peito espargias então!
E hoje ainda, qual eras outr'ora,
De tua alma os perfumes exhalas,
A ternura guardando nas fallas
E nos olhos a mesma expressão.

Sim, depois d'uma ausencia bem triste,
Outra vez os meus ceus illuminas,
Os encantos das horas divinas
Respirando no doce viver!
Oh! bem hajas, ó sol!... Dois invernos
Accumulam tão tristes negruras,

Que é forçoso que as luzes mais puras
De teus olhos as venham romper!

Ès a mesma!... Na fronte poetica
Só uns toques de meiga tristeza
Augmentaram a doce belleza
Que sonhamos nos anjos de Deus!
Inda habita a poesia em teus olhos,
E nos raios de luz que me expedes
Á minha alma no mundo concedes
As venturas que existem nos ceus!

IV

Trovoadas de maio

São assim!... Ligeiras voam
Como teus prantos de aljofar!
Ais perdidos que mal soam,
Nuvens que passam nos ceus!
Ergue-se a rosa que a fronte
Inclina aos sopros de maio,
Como apoz doce desmaio
A luz volve aos olhos teus!

Affasta a ideia sombria
Que turba teu rosto lindo,
E ouve agora a melodia
Que no val resoa além,

A avesinha que sauda
Os raios do sol ameno,
Murmurios do mar sereno,
Suspiros de amor tambem!

São assim! na tua edade
Tambem as penas são breves!
Quasi á voz da tempestade
Se junta o riso infantil!...
E o que serias no mundo
Se ao passar a nuvem densa
Não baixasse a luz da crença
A dourar o teu abril?!

Deixa a turba mentirosa
Dizer-te que a vida é triste.
Acaso se queixa a rosa
Quando o vento a desfolhou?
E pois hasde tu queixar-te
Se um dia o sopro inclemente
Vem e passa de repente
E mais bella te deixou?!

Tu pensas quando a procella
Perturba o espelho do lago,
Tu pensas talvez que a estrella
Deixa nos ceus de brilhar?
Acaso se em tua fronte
Passa um sopro de tristura,
Acaso em ti não fulgura
Da belleza a luz sem par?!

Deixa pois... a nuvem passa
E a luz volve ao ceu ameno;
Retoma a rosa mais graça
Respira mais doce olor!
A vida é isto; e tu dize
Se no fim de um sopro triste
No teu peito não existe
Mais intensa a luz do amor?!

V

Á morte de Manuela Rey

Permitte que em soluços eu deponha
Tambem uma saudade, ó alma bella,
No teu funebre leito!
Se a flor dá prantos á manhã risonha
Eu dou-te a flor, — ai! pobre Manuela! —
Mais triste do meu peito!

Nenhuma aos pés te arremessei outr'ora
Em vida, quando, meiga no proscenio
E ardente de paixão,
Sentia toda a luz da tua aurora,
E a suave fragrancia do teu genio
Descer-me ao coração!

Nenhuma! Acaso pode humilde planta
Roçar com seus perfumes o empyreo
Dos orvalhos em paga?
O verme que do pó se não levanta
O nectar retribue ao doce lyrio
Que um dia o embriaga?

As almas como a tua são um canto
De frescas, de continuas melodias,
Um arrulho de amor!
Orvalho solto do azulado manto
Na aridez glacial de nossos dias
Sobre pallida flor!

Foi bello o ver-te, sim, gentil creança
Nas azas do teu genio erguida acima
Das tormentas da sorte:
Qual a ave que n'um vôo se abalança
Por entre os vendavaes, e se aproxima
Da luz que tem por norte!

ello e grandioso! Não se exprime,
terna lembrança em nossa vida

Ficou do que era teu;
Quando o ethereo, o intangivel, o sublime,
Moldavas na palavra traduzida
Em canticos do ceu!

Da santa inspiração o beijo casto
Depoz-te Deus na fronte; e a luz divina
Que em bem poucos se ateia,
Brilhou em ti, e um horisonte vasto
Ás ambições da gloria que fascina
Sem véu se patenteia!

Tiveste só aurora! mas bem raro
Tão risonha manhã de um bello dia
No ceu assim reluz!
Não se diga que Deus te foi avaro.
No teu celeste alvor se resumia
Um futuro de luz!

Aos grandes só, sómente aos escolhidos
Concede n'este mundo a providencia
Tal dom e tal baptismo!
São o bello:—nós somos os sentidos.

Apenas somos pó: — elles essencia.
São o ceu: — nós o abysmo!

Que tem que elles não tenham por cortejo
A gloria só? Que sempre lhes decline
O sol, quando em manhã?
Que tem que a febre estampe o ardente beijo
Um dia em Millevoye, n'outro em Belline
Se a luz é sua irmã?

O genio d'esses taes, centelha errante,
Baqueia, mas apoz deixa um vestigio
De eterna claridade;
E os crentes do ideal, a cada instante,
Evocam sempre o divinal prodigio
Nas lyras da saudade!

Assim, ó anjo louro e pensativo,
Aos eccos do triumpho abrindo o espaço,
Levou-te o vendaval!
Mas nós, ainda apoz o vôo altivo,
Sentimos n'alma um luminoso traço
De luz celestial!

VI

Luz e sombras

Se jámais um bafejo da fragrancia
Que se exhala de um peito virginal
Meigo adoçou a tua fronte gélida
Nas horas em que verga ao vendaval;

Se a pudica visão da noite languida
Que em sonhos transparece lá nos ceus
Os doces lyrios do semblante pallido
Uniu jámais um dia aos labios teus;

Tua alma em sustos se uma flor balsamica
Do peito meio turvo de illusões

Ainda não colheu ao brando halito
Que arroia o negro pó dos teus vulcões;

Se tu, descrente, á solidão do tumulo
Pediste um dia o fim do teu abril,
Vendo a capella de açucenas humidas
Resvalar de uma fronte juvenil;

Ainda occulta aquella nuvem candida
Um raio de venturas immortaes,
E em pouco a nuvem feita orvalho limpido
O sol a beberá nos teus rosaes!...

Pois que um dia as açucenas
Da pura fronte ideal
Se desfolham uma e uma
Nos gelos do vendaval;

Vê, contempla a rosa amante,
O vermelho já lhe assoma,
Dá-lhe abril o doce orvalho
Em troca do seu aroma.

Pois que um frio nevoeiro
Hoje se exhala do sul,
Em pouco desprende o norte
Um perfume ao ceu azul.

Um lago que o sol prateia
Acha a flor sempre no mundo,
Todo o seio abriga sonhos,
Perolas o mar profundo.

Contempla um dia o incendio
Que espalha em volta o pavor,
Que o vento rescalda e envia
Dos labios á pura flor;

Que o ceu abraza, e requeima
A grinalda á fronte amada,
Que bebeu o doce orvalho
Do amor e da alvorada;

E, apoz a vaga funesta,
Dize se a calma do mar

Não respira essa harmonia
Do mais amante sonhar?!

Nem ha ceu de azul e de ouro
Por sobre a tua cabeça
Que o incendio não abraze
E a nùvem não escureça!

E olhando a aurora que nasce
E o dia que em trevas cae,
Cercada de luz e sombras
N'um sopro a vida se esvae!

VII

Adoração

Tu sonhas amor! que eu leio
No teu pallido semblante
E, ó virgem, no teu enleio
Que um perfume enebriante
Ou alguma estrella irmã
Segues no mundo ideal!...
Bemdita!... á luz da manhã,
A rosa em scismas egual
Aos teus desmaios tão bellos,
Deixa assim ver os anhelos
Da mais suave pureza,
E nos diz que ama os destinos
E a mysteriosa belleza
D'aquelles raios divinos

D'aquelle doce fulgor!...
—Como a rosa perfumada,
Nos desmaios de uma fada
Deixas ver a luz do amor!...

E embora em mundos longiquos
D'amor suspires!... Embora!
Vivirei da mesma aurora
A que teu peito vegeta!...
Vem do ceu o raio vivido
Que te faz assim tão linda,
Vem de ti a luz infinda
Que faz no mundo o poeta!
E tão doce voa a vida
Quando assim pende embebida,
Quando assim bebe o perfume
D'uma celeste visão;
Tão doce voa... tão doce...
Que nem fogo do ciume,
Nem o gelo da descrença
Nos perturba o coração!
Quem buscas? Talvez um anjo,
Nos mares de luz serena
Onde vagueias tão só?!
Oh! respiro! a uma açucena

Tão pura, não prende o mundo!
Bem hajas, ó flor, bem hajas.
N'este oceano profundo
Tu és luz, e o mais... é pó!...

Por isso em plagas longiquas
Eu sem pena assim te vejo
Livre das trevas d'aqui!
E ao mais suave lampejo
Que provém d'aquella estrella
Que te fez assim tão bella,
Eu penso, ó flor, e tu pensas,
Tu em Deus, como eu em ti!...
D'aquella flor da existencia
Por nós chamada — esperança —
Só provém a pura essencia
— A mais suave lembrança —
Que hoje teu peito me envia!
E assim vivamos de longe!
Eu na terra... e tu nos ceus,
Tu á luz d'essa poesia
E eu á luz dos olhos teus!

VIII

A ultima rosa do verão

A tarde expirava a custo,
Mas tão linda! — Era em setembro.
Nas hastes de certo arbusto
(D'um freixo se bem lembro)
No caminho debruçado
Suspirava o rouxinol,
Esse louco enamorado
Que se inspira ao pôr do sol!

Fitavas então (vae vendo
Se estou ainda lembrado.)
Fitavas o sol morrendo,
Em nuvens amortalhado!...

Mas n'aquella despedida
Tão triste estavas, — Jesus! —
Qual se fosses, Margarida,
De todo perder a luz!...

Qual se os astros sempre bellos
Não aguardasses nos ares,
Mais bastos que os teus cabellos
E que as areias dos mares,
A espalharem á porfia
Tanta luz, tanto fulgor,
De tornar a noite em dia
Aos teus olhos, meu amor!

Oh! não era o sol poente
O motivo d'essa magua
Que assim punha docemente
Os teus olhos rasos d'agua!...
Oh, não era! Ninguem solta
Um suspiro, um ai siquer,
Por ver a estrella que volta
Depois da tarde morrer!

A causa de tuas penas,
Escuta, que eu vou dizel-a:
Mas se por cousas pequenas
Se entristece uma donzella;
Velando a fronte com medo,
Não te afflijas d'esta vez...
Ao veres que o teu segredo
Eu já conheço talvez!

Era em setembro ao sol posto:
A luz que desce n'essa hora
Aveluda mais um rosto
Que os bellos raios da aurora:
Mas não sei, não sei que aragem,
Nos valles d'aquella vez
Um tapete de folhagem,
Ia estendendo a teus pés!...

Era a triste mensageira
Que das serras desce um dia,
E ás flores da larangeira
Os invernos presagia?
Eu não sei! sei que a tristeza
N'aquelles instantes vi

Dando realce á belleza
Que Deus estampou em ti!

Em ti, que os olhos fitavas
Tão tristes no firmamento,
Que até julguei que choravas
O dia n'esse momento!
Oh, não era! Ninguem solta
Um suspiro, um ai siquer,
Por ver a estrella que volta
Depois da tarde morrer!

É que a rosa purpurina
Que ha pouco tinha os desvelos
D'aquella aragem divina
Que te perfuma os cabellos,
Já, n'um languido abandono,
Como quem não crê no amor,
Vendia aos beijos do outono,
O seu pudico rubor!

Vês! Não era o sol poente
O motivo d'essa magua

Que assim punha docemente
Os teus olhos rasos d'agua;
Mas sim a rosa que vias
A dizer o ultimo adeus
Ao fulgor dos bellos dias,
Ao azul dos lindos ceus!

*

Levanta a linda cabeça,
Minha pomba da bonança,
Á luz que o mar atravessa
E te resvala na trança!
Ergue a fronte, ó meu thesouro,
Que has de ser mais bella então
Coberta de fios d'ouro,
Pomba do meu coração!

Que tem que o vento desfaça
As rosas a uma e uma,
Ó fronte cheia de graça,
Ó lindo seio de espuma?!
Se ámanhã, depois, em breve
Hasde trilhar outra vez
Lindo rosal que te deve
Brotar debaixo dos pés?!

Não vês que o sol no quadrante
Da vida começa agora
A esboçar no teu semblante
Sobre uma aurora outra aurora?!
Não libas tu a ambrosia
Da esperança aberta em flor
No banquete da poesia,
Doce conviva do amor!

Não sentes brando gorgeio
D'áves de selvas ignotas
Cahir dentro do teu seio
N'um ramilhete de notas?!
Não te diz «amor» a estrella,
«Amor» o sonho não diz?
E eu não digo, ó minha bella,
Sonha, vive, e sê feliz?!

Sonha, vive, emquanto ao hombro
Do archanjo da mocidade
Te amparas subindo o combro,
Da vida, minha deidade!...
Emquanto a luz do levante
Desenrola com afan

De teus passos adiante
Uma formosa manhã?!

Um dia sim! teme, esconde,
Entre as mãos abriga a fronte,
Ao ver só nuvens lá onde
Tens hoje um lindo horisonte!
Essa luz que em ti me alegra
Creio que dos ceus provém;
Teme pois a nuvem negra,
Qual a teme o ceu tambem!

Sim, receia o beijo frio
Da tempestade medonha
Que apoz a noite de estio
Sempre desperta quem sonha!
A rosa deixa-a que logo
Has de vel-a renascer
Mais linda, aos beijos de fogo
Que a primavera trouxer!

IX

O berço

Mimoso leito velado
Pelas azas luminosas
D'um anjo bom que, a seu lado,
O enfeita sempre de rosas,

Doce abrigo onde se escuta
O primeiro ai que traz
Em si o germen da luta
Por entre bençãos de paz:

Eis o berço! alegre estancia
Onde o homem inda não ousa

Medir a curta distancia
A que d'alli fica a lousa!

Emquanto n'elle, em que pensas?
Em que livro é que tu lês?
É nas espheras suspensas
Por um fio que não vês?

Ou, sentindo a mão suprema
Que innunda a flor de perfume,
Já meditas no problema
Que na campa se resume?

Já tua vista acompanha
O sol que desce nos ceus,
E se detem na montanha
Dizendo á terra um adeus,

Em vez de ser no levante
Que fites os teus olhares,
Quando a luz rompe brilhante
E alegra a terra e os mares?...

Santa innocencia! quem hade,
Mal que á luz desabrochou,
Tentar já ler a verdade
Que Deus no espaço gravou?!

«Bemdita sejas» parece
Então dizermos á aurora,
Emquanto á flor que fenece
Uma voz murmura «embora!»

E quando o sol moribundo
Em nuvens se affoga além,
Outros soes fulgem no mundo
Que nos alegram tambem!

A estrella rompe no espaço,
Risonha, explendida, bella,
E em si o primeiro traço
D'um poema nos revela!

Ó santa, ó doce chymera,
Como tu estendes do ceu

Sobre a nossa primavera
O teu diaphano veu!

Ondulante, aéria, e vaga,
Toda cercada d'aromas,
N'um raio de luz presaga,
Na manhã da vida assomas!

Tu vens dos ceus e nos trazes
A fragrancia d'essa flor
Que se envolve em tuas gazes
E em teu mystico fulgor!

A flor chamada esperança,
Nunca da meiga saudade,
Menos linda na bonança
Do que o é na tempestade!

E, ao ver-te, brota espontaneo
O primeiro sonho vão
Que um dia luta no craneo,
Miragem feita vulcão!

Junto do berço te assentas
Sorrindo ao fragil arbusto,
Que affronta assim as tormentas
E a ellas verga robusto!

Mas, ó meiga e doce aurora,
Outro archanjo habita ahi,
Que se nós choramos, chora;
Se nos sorrimos, sorri!

Outro archanjo que nos vela
Que em seus braços nos ampara,
E adora crente uma estrella
Quando a estrella nos é cara!

A mãe! a imagem, transumpto
Do que ha de bello, Senhor!
Nome que pode estar junto
A um nome sómente — amor! —

O berço é pois a guarida
A estancia, o éden risonho,

D'onde o triste entra na vida
Pelas devezas do sonho!

N'elle se apresta a viagem
Que se espinhos só não tem,
Tem sómente uma paragem
A da eterna campa alem!

X

O tumulo

As tuas rosas, ó tumulo,
São tristes sim, mas apraz
Ao triste sua fragrancia
Se á noite um sopro lh'a traz.

Apraz-lhe sim no silencio
Por que esses perfumes são
Como o laço ethereo, o vinculo,
Que o real prende á visão!

Quando o luar melancolico
Na terra estende seus veus,

E em cada estrella uma lampada
Cae da cupula dos ceus;

Em torno de nós o espirito
Dos que o teu seio nos tem
N'aquelle perfume angelico
Talvez perpasse tambem!

Talvez sim! por isso timida
A turba foge, e não quer
As flores que se erguem pallidas
Na sepultura colher!...

Quero-as eu! Quando ao crepusculo
Inda um assomo de luz
Depozer saudoso e tremulo
Um doce beijo na cruz;

Na deveza solitaria,
Em que te abrigas, eu, só,
Irei scismar nos mysterios
Que ahi se occultam no pó!

—

Quem sou eu no mundo, ó seculo?
Eu sou teu filho, bem sei;
Ungido fui com teus balsamos
Nas aras da tua lei!

Perdoa pois se os teus idolos
Não incenso agora, e vou
Consagrar os tristes canticos
Ao culto que os inspirou.

É que eu vejo a luz explendida
Que á noite desce dos ceus
Dar a sua transparencia
Á urna dos mausoleus.

E aquelle brilho fantastico
Attrae-me a vista aos umbraes
Em que o Eterno grava o epilogo
Dos passados vendavaes.

Que silencio! A fronte livida
Tem na campa a rigidez
Dos festões de frio marmore,
E o mesmo gelo talvez!

Mas o que um dia foi gladio,
Tormenta, luta, vulcão,
É sómente o somno placido
N'aquella triste mansão!

Ao longe, o rugir continuo
Do immenso pégo: o lutar
Dos escarceus contra o naufrago,
Dos vendavaes contra o mar!

Entretanto a paz no tumulo,
E a cruz, emblema d'amor,
Cingindo uma auréola mystica
De suavissimo fulgor.

Campa! Saudoso refugio
Que em si resume a final

Tanto os prantos como os jubilos
N'este immenso tremedal!...

Se as suas rosas são pallidas,
O que importa? quero-as eu,
Por que as rosas são no tumulo
As mensageiras do ceu!

XI

A uma estrella

Tua luz tranquilla
Tão branda scintilla,
Dourando a pupilla
Que a adora a scismar;
Que a vaga espumosa
Na praia arenosa
Vem mais suspirosa,
Mais branda expirar!

Que noite bemdita!
A custo se agita,
De leve palpita
O lilaz em flor!...

Bem hajas, ó estrella,
Que surges tão bella
Na limpida téla,
No véu do Senhor!

Bem hajas! Que anhelos
Mal sinto os desvelos
Dos raios tão bellos
Que, á noite, a sorrir,
A fronte me affagam
E brandos apagam
As sombras que vagam
No triste existir!

Ó estrella divina,
Gentil perigrina!
Da luz que illumina
A fronte de Deus
Provém com certeza
A doce belleza
Que affaga a tristeza
N'um raio dos teus!...

Vagando no espaço,
D'um lucido traço
Tu formas um laço
De lindo matiz,
Que a alma aproxima
Ao risonho clima,
E os éstos anima
Na fronte infeliz!

Oh sim, luz amena!
Qual pura açucena
Na fronte serena
De meiga visão,
Tu surges tão pura
Que a tua candura
Derrama a ventura
No meu coração!

E se a tua imagem
Aos beijos d'aragem
Por entre a folhagem
Acaso sorri;
Mais rubra de pejo
A flor colhe um beijo

Por cada lampejo
Que parte de ti!

Que noite bemdita!
A custo se agita,
De leve palpita
O lilaz em flor!
Bem hajas, ó estrella,
Que surges tão bella
Na limpida téla,
No veu do Senhor!

XII

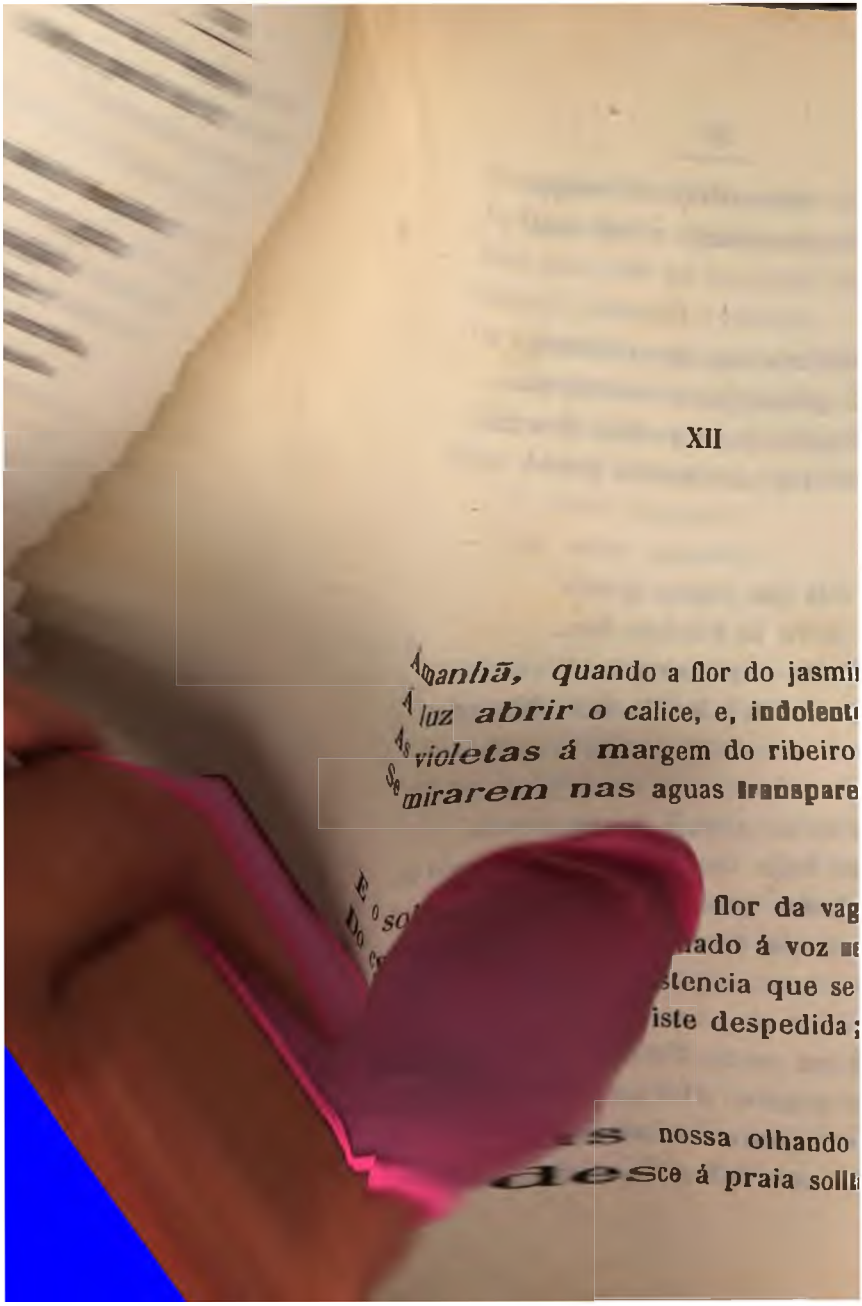
Ámanhã, quando a flor do jasmineiro
Á luz abrir o calice, e, indolentes,
As violetas á margem do ribeiro
Se mirarem nas aguas transparentes;

E o sol esmorecer á flor da vaga
Do cysne acompanhado á voz sentida,
Que, suave, a existencia que se apaga
Acompanha na triste despedida;

Então não serás nossa olhando o espaço
D'onde a luz desce á praia solitaria

Por cada suspiro
Que parte de ti!

Que noite bemdita!
A rosa se agita,
De leve palpita
O lyrio em flor!
Bem hajas, ó estrella,
Que surges tão bella
Na limpida téla,
No véu do Senhor!



XII

Amanhã, quando a flor do jasmi
A luz abrir o calice, e, indolent
As violetas á margem do ribeiro
Se mirarem nas aguas transpare

flor da vag
ado á voz
stencia que se
iste despedida;

nossa olhando
desce á praia soll

Em que ás vezes, arfando de cansaço,
Descanças contemplando a onda varia!

Estendendo nos ceus tua aza branca,
Irás qual pomba que os invernos teme,
Ou folha verde que o nordeste arranca
Quando na cepa das florestas geme!

Tu és a rola que pousou apenas
Do rio á beira na frondosa faia,
E ferida cahiu nas açucenas
Onde, á tardinha, a luz do sol desmaia!

Tu és o floco de nevada espuma
Que a praia beija suspirando amores,
Mas breve passa qual a uma e uma
Apoz a sesta vão murchando as flores!

Tua vida é um canto d'innocencia,
Suavissimo suspiro d'harpa eólia,
Que voa como a essencia
Que recende nos valles a magnolia!

Nas vagas d'ideal melancolia
De que, á tarde, o poente se reveste,
Inda mais bella em teu pallor celeste,
Dormirás embalada á melodia
Da marcha das espheras luminosas,
Suspensas sobre o mundo,
Onde a flor dia a dia a vida esquece,
Qual no seio das vagas bonançosas
O cysne vagabundo
Em cantos adormece!

De montanha em montanha caminha,
Solta o vôo aos paizes d'além,
Tu não vês como o fumo á tardinha
Dos albergues se eleva tambem?!

Tu não vês se no ar se condensa
O vapor sobre o lago gentil,
Que a neblina só espera suspensa
Que a levante uma aragem subtil?!

Tu não vês se de tarde o aroma
A roseira no val desprendeu,

Mal que voa, a fragrancia não toma
Outra senda a não ser a do ceu?!

Eia pois! Tu que és doce composto
De harmonia, de luz, de vapor;
Meiga flor virginal em teu rosto
E em teus labios um calix de flor;

Vae qual nuvem que á tarde uma aragem
Do levante ao poente conduz,
Percorrer essa extensa paragem,
Esse mar, esse templo de luz!

Vae, gozar na morada dos justos,
Nos vergeis do celeste paiz,
A fragrancia dos santos arbustos
Que no seio de Deus tem raiz!

Vae, furtando-te á gélida bruma
Que na terra hoje estende seus veus,
Em teu seio guardar uma e uma
As estrellas errantes dos ceus!

Pois que a vida é uma senda custosa,
Onde o espinho has de sempre colher,
Se tentares colher, uma rosa
Que te encante e perfume o viver;

Pois no mundo se arriscas um passo
Hasde ver sempre o abysmo a teus pés,
E se um dia, cedendo ao cansaço,
Te amparaste ao rochedo uma vez;

A teus pés tens a onda bravia,
E nem sempre é o ceu tão azul,
Que não vejas pairar algum dia
Sobre ti a tormenta do sul!...

Cinge as vestes de fina cambraia
E a capella do santo hymeneu,
Que, ao reflexo da luz que desmaia,
Irás ser hoje a noiva do ceu!

XIII

A uma cantora

Como é lindo o murmurio d'aragem
Que a folhagem bafeja á tardinha,
Aos suspiros da casta pombinha
Suas vozes juntando no ceu!
Com que som morre a vaga na praia,
Se desmaia na selva uma rosa
Que o silencio da noite formosa
De suaves perfumes encheu!

Que poesia no espaço fluctua
Quando a lua nos ares tranquilla
Se reflecte na doce pupilla
Que nos ceus a contempla a scismar!...

Como é lindo o sorrir da creança
Que descança no seio materno!
E depois da tristeza do inverno
Do que o sol que mais pode encantar?!

Tudo esquece, porém, tudo voa
Quando soa a bemdita harmonia
Que, expirante, n'uns labios um dia,
Nos faz crentes, felizes, e bons!
E tu, alma por Deus bemfadada,
N'alvorada formosa da vida,
Em nossa alma hoje cáes espargida
N'uma chuva mimosa de sons!

Oh! qual voa a estrangeira avesinha,
Vae, caminha, outro clima procura
Onde luza mais linda, mais pura,
Essa estrella que a nós te guiou!
Porém sabe, ó mulher inspirada,
Que enlaçada tu levas nas palmas
A porção mais sensivel das almas
Que teu canto um momento embalou!

XIV

Lá vem, lá surge, que a vejo
A formosa, a tentadora!
Treme a folhagem ao beijo
Do seu reflexo risonho!
Lá surge, como se fôra,
No seu todo meigo e aério,
A branca fada que, á noite,
Sorri com certo mysterio
Na transparencia do sonho!

Foi sempre assim como agora!
Sempre uma doce indolencia
Sempre a mesma languidez!

Em plena noite uma aurora
Que nos attrae ao seu culto
Com aquella eloquencia
Que as cousas bellas possuem
Até na propria mudez!

A vaga suspira, ao vel-a,
Mal que ella rompe nos ceus;
E a formosa, a tentadora,
Aquella visão tão bella,
Vão lá dizer quem adora
E abraza nos raios seus?!
Vão lá dizer!... Ninguem sabe
Que ella o não diz, não o conta
Nem ás estrellas até,
Quando no espaço desponta
Cheia d'amor e meiguice;
Ainda a ninguem o disse:
Ella é discreta, não é?!

Surge e caminha: mais nada.
É bella!... não abandona
Um só momento o reflexo
Com que nos prende e apaixona

A tentadora da fada!...
Ser bella foi o destino
Que eu julgo que a providencia
Lhe impoz só e nenhum mais!
Ser bella só e mais nada.
Ter diante o ceu risonho
Ser a luz, a aurora, a fada
Que os tristes vêem no sonho!...

Vir de noite e sobre o lago
Onde o cysne alvo de neve
Deslisa, paira, fluctua,
Todo o seu brilho de lua
N'aquelle instante espalhar;
Encher de luz a campina,
O valle, a serra, a floresta,
E n'um beijo voluptuoso
Da sua chamma divina,
Ao doce, ao ethereo goso
D'uma existencia além d'esta
As almas tristes chamar!...

Ser a meiga confidente
Quer dos prantos quer dos jubilos,

Surgir no ceu de repente,
E logo no mesmo instante
Caprichosa, esquiva, amante,
Fazer um pudico veu
D'uma nuvem passageira
Que vae correndo no ceu;
Eis a missão lisonjeira
D'essa aurora, d'essa fada,
Só isto, só, e mais nada.

As scismas em que se embebe
E os devaneios que a prendem,
Não os diz: não quer talvez
Que os saiba quem o deseja,
Ou então... eu sei: concebe
Que almas ha que os comprehendem,
E sabem ler atravez
Da sua fronte diaphana
O sonho que n'ella adeja!...

Oh! que é isto! Mas embora
Seja capricho ou vaidade,
Respira tanta saudade
Quando surge, quando assoma

Como visão tentadora
No ceu, n'aquelles umbraes
Onde fluctua o aroma
Das rosas celestiaes;
Tanta saudade respira...
Que é por ella, só por ella,
Que o triste nas suas maguas
Espera, clama, suspira!

A barquinha sobre as aguas,
No seu terraço a donzella,
Uma na face do lago,
Outra no mundo encantado
D'um scismar aêreo e vago,
São tão bellas, tão felizes,
Illuminadas por ella!...

Emfim a luz que dimana
D'aquella visão formosa
É luz santa e soberana
Por que o triste se enamora!...
Perdido raio da aurora
Que deslisa pelo veu
Da noite voluptuosa!...

.....

Ó meiga filha do ceu,
Volve-me a fronte saudosa!

XV

Foge!

Ao bafejo das noites serenas
Divisei tuas formas airosas
Ondulando n'um sopro de rosas
Sobre as ondas quietas do mar;
A luz meiga da estrella mais linda,
Que nos ceus nos promette bonança,
Reflectia na humida trança
E em teu collo sereno a vagar!

Ao relento da noite sonhando,
Nem o gelo da vaga dormente
Se animava em teu seio innocente
Que sorria no meigo pallor!...

E eu te olhava qual pura açucena
Que os instantes da vida perfuma,
Doce, envolta na gélida espuma,
Sem que um som te fallasse d'amor!

Nos mysterios da noite suave
D'um gigante no seio dormias,
E essas vagas tão mudas, tão frias
Nem teu doce pulsar abrazou!...
Oh! tu mentes, ó mar, nos queixumes
Que nas horas mais ternas da vida
Nos murmuram á fronte incendida
Como um hymno que o amor inspirou!

Foge, ó virgem! Não queiras mais sonhos
Sobre um peito coberto de gelos;
N'um suspiro dá esp'rança aos anhelos
Dos que vivem no mundo por ti!
Vem! que em vez d'uma triste frieza
Dou-te as palmas gentis do futuro,
Dou-te o affecto mais santo, mais puro
Que na vida primeiro sorri!

Ouve!... Ao longe resoa o tumulto
Já no seio da vaga arquejante!
Cedo a onda a correr doidejante
Vae talvez tua vida tragar!
Ó visão dos meus sonhos tão pallida,
Foge ás nuvens de triste negrume,
Oh! mas foge tambem d'este lume
Que te pode em meu peito abrazar!

XVI

A dança dos fantasmas

Alta noite, nas horas do silencio,
Quando a brisa do mar chega soturna,
E ao lyrio dos sepulchros beija a urna
Que a perola da aurora em si guardou;
Das ruinas que dormem solitarias
Na collina d'além, ao pé do lago,
Exhala-se um murmurio e um brilho vago
Pelas fendas que a hera engrinaldou!

Em roda, o pinheiral ergue-se mudo
Como turma fantastica velando
O somno d'esse vulto miserando
Que a mão fatal do tempo anniquilou;

E quando ás vezes um clarão furtivo
Doura a coma á floresta, n'esse instante
Mais d'um vulto indeciso e cambiante
Sob as velhas arcadas assomou!

Ó filhos mimosos da meiga ventura,
Deixae vossos sonhos, meus cantos ouvi.
Donzella, hoje a noite vem doce, vem pura,
Eu canto por ti!

Das extranhas visões é triste o aspecto.
Ávante caminhando, alva roupagem
Lhes fluctua ao sabor da fria aragem
Que indiscreta lá dentro penetrou.
Contemplam-se os espectros em silencio,
Depois a luz que fulge repentina
Uma scena fantastica illumina
A quem perto d'alli então passou!

Contemplam-se um momento e apoz se enlaçam
No turbilhão d'uma assombrosa dança,
Ao funebre rumor que em roda lança
em que o vento bafejou!

E nas lividas frontes em que paira
O gelo glacial da sepultura
De quando em quando um riso d'amargura
A rigidez do marmore turbou!

Ó filhos mimosos da meiga ventura,
Deixae vossos sonhos, meus cantos ouvi.
Donzella, hoje a lua vem doce, vem pura,
Eu canto por ti!

D'essas visões outr'ora cada uma,
D'esmeraldas e purpura vestida,
Ovante a fronte d'explendor e vida
Em virentes rosaes engrinaldou!
Sob os seus pés brotavam-lhe as boninas,
E jámais uma nuvem lá em cima
Deteve a luz que o moribundo anima,
Sempre esta sobre a fronte lhe jorrou!

A infrene bacchanal era constante
Á mesa dos festins em que o delirio
Com suas febres abrasava o lyrio,
Se algum lyrio lá dentro vegetou!

XVII

Oh! sim que és linda! a innocencia
Em tua fronte serena
Com tal doçura reluz!...
Tanta e tanta... que a açucena
Tão explendida a existencia
Não lh'a doura assim a luz!
Oh! que és linda, e mais... e mais
Quando um traço melancolico
Te diviso no semblante
Nos teus sonhos virginaes!
Que doçura não existe
Ai! ó virgem, n'esse instante
Na poetica belleza
D'esse traço de tristeza

Que te vem tornar mais bella
Mal em teu rosto pousou!
E eu te quero assim, ó estrella,
Que se inspira em mim a crença
Triste... triste, que és mais linda,
Mas d'essa belleza infinda
Das ficções da renascença
Que a poesia perfumou!

Ficta agora os olhos languidos
Na estrella que te illumina,
Eu não sei que luz divina
D'amor nos falla em teu rosto!
Eu não sei, nem tu... ninguem!...
Que a vaga luz do sol posto,
Que a pallidez da cecem,
Que a meiguice dos amores,
E que o perfume das flores
Não respiram a harmonia
D'esse toque leve... leve
Do mais puro sentimento,
Da mais suave illusão!
As flores leva-as o vento;
Mas a divinal poesia
Que em teu peito se alimenta

Não a desfaz a tormenta,
Nem a consome o vulcão!

E assim foi! — Lembra-me ainda
Aquelle instante suave!
Havia paixão infinda
No terno gorgeio d'ave
Que ao longe... ao longe se ouvia
Resoar na larangeira!
Assim foi... assim tão pallida
Que eu te vi a vez primeira
N'aquelle instante sem par!
Sim! Oh! se a alma do poeta
É como a ardencia do mar,
Que se acalma e se aquieta
Á luz que baixa dos ceus;
Eu por ti surgi, ó bella,
O cantor d'aquella estrella
Que fulge lá no horisonte,
Que me voa a vida em extasis
Quando sobre a minha fronte
Cae a luz dos olhos teus!

E se o passado foi triste
Sepultei-o n'um abysmo,
E esqueci ao magnetismo
Da tua doce expressão
O gemer da tempestade,
Mais o ralar da anciedade
D'aquelles dias d'então!
Se já viste mesmo em sonhos
Resurgir graciosa e bella
D'entre os negrumes da noite
A doce imagem da estrella
Que sorri ao turvo mar;
Faze ideia de minha alma
Que em deserto triste e infindo
Vivia sem uma palma,
E que, um dia... um dia lindo,
Surge á luz do teu olhar!

E depois a melodia,
Aquella doce cadencia
Que tinhas então na falla,
Tão suave como a essencia
Que sómente a flor exhala,
Tudo... tudo me prendeu!
E hoje elevo as mãos ao ceu,

E bemdigo aquelle instante
Em que vi a tua imagem
De vaga luz radiante,
Embora seja a miragem
Que n'aridez do deserto
Um instante nos fulgura,
E que, ora longe, ora perto,
Bem pouco... bem pouco dura!
Não negues um dia alento
Aos debeis sopros de vida
Que em mim pullulam agora
Com mais força e mais calor!
Se vives da luz da aurora
Que á vida te diz bonança,
Eu só vivo da esperança
E da luz do teu amor!

XVIII

As estrellas

Á noite, as estrellas são olhos serenos
Das virgens que em sonhos vagueiam no ceu;
São olhos singellos, suaves, amenos,
Ás vezes occultos em pallido veu!

São olhos que fallam no candido raio
Que meigo descae nos espelhos do mar,
Que languidos morrem n'um doce desmaio
Ao sopro da aurora que os vem perfumar!

Eu amo as estrellas, suaves, mimosas
Brilhando suspensas no throno de Deus!

De noite, ao sereno, que estrellas! que rosas,
Do seio da fada que habita nos ceus!

São rosas, são lyrios de brandos perfumes
Viçando no espaço, da lua ao fulgor!
São rosas, são lyrios que em doces queixumes
A aragem bafeja mais louca d'amor!

São rosas cahidas no doce ambiente
Do seio da fada que a terra habitou
E um dia embalada na vaga dormente
A plagas mais lindas do mundo voou!

Eu amo as estrellas, suaves, mimosas,
Que lindas scintillam no throno de Deus!
A noite, ao sereno, que estrellas! que rosas,
Do seio das virgens que habitam nos ceus!

XIX

A lagrima

A lagrima ia n'aragem
(Fugindo talvez á dor)
E na doce linguagem
Repetia a cada flor:

— Abre-me o calix! da magua
A triste filha sou eu,
E serei a gotta d'agua
Que tu supplicas ao ceu! —

E a lagrima ouvia afflicta
Cada flor dizendo: — não!

Ès a filha da desdita
E eu da ventura a expressão! —

E vendo á praia os limites
Eil-a ao mar logo a dizer:
— No teu seio não permittes
Que emfim me possa esconder? —

— Não te quero; no universo
Eu lagrima tambem sou,
Eu sou o pranto disperso
Da tormenta que passou! —

— Eis-me emfim, diz, no deserto!
(E ao solo ardente sorri)
Um abrigo, um seio aberto
A final encontro aqui! —

— Eu sou vulcão crepitante
De centelhas infernaes!
Ávante, lagrima, ávante!
Que ateias o fogo mais! —

E ella exclama ao ceu:— completa
O meu martyrio, Senhor! —
— Desce a mim, — diz o poeta —
Mimosa filha do amor!

XX

Incertezas

Pois não te affaga o semblante
A luz que baixa dos ceus,
Do sol, da estrella brilhante,
Como um sorriso de Deus!?

E aquelle accento celeste
Da voz das aves no ar,
O aroma da flor agreste,
O som das vagas no mar,

Não sentes em doce enleio
Com taes perfumes d'amor,

Que um anjo só tem no seio
E no calix uma flor,

Junto á noite, quando a essencia
Do jasmim na viração
Te suavisa a existencia
N'um suspiro de paixão?

E não crês?... Pois se o destino
Disse ás estrellas — amae! —
Não hade as notas d'um hymno
O ceu beber n'um teu ai?

Não hade a meiga harmonia
Da luz, da flor, e dos ceus,
Buscar no mundo a poesia
Que em ti nos falla de Deus?

Olha! a flor que te enamora
Perfuma sem tal saber.
Morre por ti quem te adora
Não hade ella pois viver?!

XXI

Se, ás vezes, nos meus sonhos passageiros,
Mas livres dos embates da procella,
No vapor da illusão divina explende
A suavissima imagem d'uma estrella,

Nas horas em que o ceu tem mais candura
E as ondas mais suaves harmonias,
Tu és, ó sombra pallida que adoro,
A apparição das minhas fantasias!...

E um volver dos teus olhos transparentes,
Que a luz celeste me derramam n'alma,

A tormenta socega no meu peito
E a vida acorda n'uma doce calma!

Vem, ó filha da languida saudade,
Nas horas do silencio e da ventura
Ás cordas do alaúde adormecido
Trazer os teus suspiros de ternura!

Escuta! eu cri nos ceus! mas do poente
Um dia o sopro frio da descrença
Veiu turbar-me os sonhos venturosos
Ao som fatal da tempestade immensa!

De todo me esfolhou as meigas flores,
E as doces illusões de que eu vivia,
Depois a lyra triste ergueu seus cantos
Não a ti, nem a Deus! talvez á orgia!...

A morte d'alma!... O peito sem mais crenças
Tornado esquife aos restos d'uma vida!
A fronte, sem anhelos, sem alento,
Olhando sempre o sol na despedida!...

Sem reflexos de luz em noite escura,
Sem bafejos d'aragem bonançosa,
Ou siquer uma baga d'esse orvalho
Que abranda a febre qual reanima a rosa!

E eu era assim! mas a sombria nuvem
O vento a leva; nem as ondas bravas
Açoitam sempre as rochas lacrimosas
No meio do mar livre sempre escravas!...

Apoz as trevas densas lá nos fulge
Uma estrella no espaço; chovem flores,
Depois da chuva fria que regela,
No peito só votado a acerbas dores!

Ergui os olhos, avistei a pomba,
Trazia o ramo, nuncia da bonança,
E as illusões senti que renasciam
No vulto vaporoso da esperança!

Senti os estos de novo palpitarem
Ao magico reflexo de teus olhos,

Como se houvesse no meu peito exanime
Renascido a bonina dos abrolhos!

E minha alma, que ha pouco vacillava
Como a luz debil em fulgor incerto,
Surgiu de novo, qual á gotta d'agua
Se anima o caminhante no deserto!

Ó imagem infantina dos meus sonhos,
Dos páramos celestes meiga filha,
Que a ternura respiras em teu halito
Suave como o aroma da baunilha;

Se das flores das minhas fantasias
Podesse uma grinalda ser tecida,
Seria tua, em paga dos perfumes
Com que soubeste revocar-me á vida!

XXII

Saudade

Que murmurio resoa nos ares
Quando o mar em desleixo se agita,
E o reflexo da chamma bemdita
Já nos montes d'além se escondeu?
Não parece dizer-te — saudade, —
Este nome de grato perfume
Que a harmonia mais doce resume,
Da tristeza, do amor e do ceu?

Ai! tambem quando á vista nos foge
Um sorriso, um olhar luminoso,
Como as ondas do mar suspiroso
Dentro d'alma se agita a paixão!

E que a vida simelha uma vaga
Em mar turvo de tristes procellas;
Um momento se arroja ás estrellas
Mas em breve a desfaz o tufão!

E é tão doce passar na lembrança
Uma sombra de fórmas serenas,
Que uma vez as gentis açucenas
Ao pulsar de nossa alma enlaçou!...
Será nuvem que aos olhos avulta,
Ou é luz que nossa alma illumina?
É — saudade — essa aragem divina
Que de plagas ignotas baixou!...

Esse alento, conjuncto suave
D'alegrias, tristezas e sonhos,
Que os perfumes dos dias risonhos
Vem soltar inda em torno de nós!...
Que nos surge nas horas extremas
Como estrella brilhando nos ares,
Ou fanal que illumina esses mares
Onde a vaga nos segue veloz!...

Vem á luz do crepusculo, instantes,
Contemplar esse veu transparente
Que se estende da vaga dormente
Sobre as flores, os montes, os ceus!
Dize, dize se as languidas cordas
D'uma lyra d'accentos divinos,
Não murmuram — saudade — nos hymnos,
Em teu peito pulsadas por Deus?!

XXIII

—Reclina a fronte em meu hombro,
Irmão de louras madeixas,
E diz-me o que mais assombro
Te fez no mundo que deixas?

Que achaste que mais prendesse
Teus olhos cheios de luz,
Lá onde á tarde fenece
A flor que a aurora produz?—

Eram dois anjos. Dizia
Assim um d'elles no espaço:

E o outro apoz lhe respondia
Cingindo-o mais n'um abraço:

— Da terra voando perto,
Vi, dos astros ao fulgor,
A palmeira no deserto
E na existencia o amor! —

XXIV

Canção

Sê tu a aragem bemdita
Que á tarde o ceu nos envia,
Que eu serei folha queimada
Aos raios do meio dia!

Sê tu a limpida espuma
Que o azul das vagas desmaia,
Que, a beijar teu seio amante,
De noite serei a praia!

Da manhã sê doce lyrio
Que a candura em si resume,

Que eu serei sopro constante
Sempre a beber-te o perfume.

Sê tu a rosa da campa
Nos ermos tristes pendida,
Que eu serei a fria terra
A dar-te alentos á vida!

Sê tu a fronte innocente
Tinta de meigo pallor,
Que, á noite, á luz das estrellas,
Serei o beijo d'amor!

XXV

Eu quero a chamma que rescalda a fronte
N'aquellas horas em que o triste sente
A ignotos mundos revoar-lhe a mente
Galgando serras, e transpondo ceus!
A febre, o fogo, o abrazeado beijo,
Que apressa a hora da fatal partida,
Mas na vulupia nos sepulta a vida
Emquanto ao mundo se não diz adeus!

Oh! n'essas horas de febril delirio
Quando vagueia teu olhar inquieto,
Se algum fantasma de suave aspecto
A fronte um dia ao pé de ti pousou;

Se alguma sombra ou seductora imagem
Do ceu já veiu amenisar-te a magua
Qual d'uma rosa o calix cheio d'agua
Alenta o musgo que a seus pés brotou;

Feliz de ti! porque é feliz o triste
Que um mundo forma d'illusões suaves,
Ao brando som de mil gorgeios d'aves,
No seio casto d'um sonhado amor!...
Feliz e livre! como é livre a arveloa
Que sobre a rocha que se eleva aos ares
Compõe seu ninho, escarnecendo os mares
Que em baixo rugem na convulsa dor!

Que val no mundo que o fervente anhelo
Da vida a flor empallideça breve,
Se occultos sempre n'apparente neve
Os éstos pulam nos delirios seus?!
Não é mais bella a pudibunda virgem
Se ao hombro inclina a esbranquecida fronte,
Do alvor do lyrio que reveste o monte,
Do alvor da estrella que reluz nos ceus?!

Que val? que importa? se eu anhelo o espaço,
È lá nas vastas regiões sem termo
Mais branda expira sobre o peito enfermo
A luz da estrella que por nós sorri!
Ao espaço! ao espaço! aonde o ingente raio
Milhões d'espheras patenteia o furto,
E a mente affasta d'este vôo curto
Que na poeira só rasteja aqui!

O sopro frio do cahir da noite
No peito infunde glacial tristeza,
E os lindos astros d'ideal belleza
Á mente fulgem só nos ceus além!
Ao espaço! ao espaço! aonde o aroma santo
Que a flor exhala, quando a sesta expira,
Innunda a fronte que a sonhar delira
Sorrisos meigos a aspirar tambem!

A vida! a gloria!... que me importa?—A vida?
Ingreme encosta por que nós subimos
E, apoz as luctas, ao tocar os cimos,
Da flor colhida só nos resta pó!
A gloria? sombra d'uma linda virgem
Que attrae o louco n'um celeste affago,

E, em vez d'um goso, só lhe deixa o vago,
Mais fundas ancias, o impalpavel só!...

Por isso apraz-me que minha alma vague,
Qual folha verde que o nordeste arranca,
Seguindo os vôos d'uma pomba branca,
Que as almas prende e o meu olhar attrae!
Por ti, ó estrella, o derradeiro alento
Que n'estes ermos o meu peito exhale,
Porém consente que eu comtigo falle
A sós n'altura quando a noite cae!

N'altura a sós como será ditosa
Minha alma a outra n'um amplexo eterno
Unida, e livre d'esse agreste inverno
Que enluta a veiga com tristonho veu!
Ligeiro par de rolasinhas brancas,
Soltando o vôo se um rumor o espanta,
Nem mais poesia, nem ventura tanta
Contente pode respirar no ceu!

A vida e a gloria, que me importam?—Fumo!...—
Só quero a chamma que illumina o triste,

Celeste chamma que se em nós existe
Visões formosas nos faz ver nos ceus!
Apraz-me a febre, o abrazeado beijo,
Que apressa a hora da fatal partida,
Mas na vulupia nos sepulta a vida
Emquanto ao mundo se não diz adeus!

XXVI

Talvez que eu morra cedo! mas se um dia
No outono d'esta vida acaso fores
Á sombra da palmeira a que eu me abrigue
Do sol, nos areaes abrazadores;

Se alentos der teu halito suavissimo
Ao meu peito d'orvalho sequioso,
Talvez lhe escutes uma vez ainda
As notas d'algum canto venturoso!

Que sonhos, que delirios eu presinto
No refugio do casto paraiso

Onde, ó fragil vergontea dos meus sonhos
Descerras uma flor em cada riso!

Ao longe, as ondas affagando a praia
Onde a vaga em suspiros desfallece,
De perto, a aragem bafejando a medo
A trança que em teus hombros estremece!

Que eu morra descançando em teu regaço
A fronte requeimada dos invernos
Que amou na vida a languidez dos sonhos
E os sons maviosos de teus hymnos ternos!

E os serenos da noite que te innundam
O seio d'alabastro, qual o espaço
De estrellas Deus povoa, quando á noite
A brisa desfallece em teu regaço,

Então nós libaremos; tu, a rosa
Pelo sopro divino bafejada,
Eu, dos tumulos a hera que fenece
Coberta do orvalhar da madrugada!

E a doida gloria, as palmas do futuro,
Grinaldas, thronos d'oiro, a mesma vida,
Eu sinto que não valem os suspiros
Que soltas no scismar embevecida!...

Eu sinto que um segredo do teu peito,
Revelado n'uma hora d'illusões,
Talvez inda uma vez seja a açucena
Que me perfume a lyra das canções!

XXVII

Melancolia

Se fitas da luz o fulgor derradeiro
Que, á tarde, desmaia,
Que enlevo, que scisma, que sonho fagueiro
Te prende na praia?
A face eis-te a ver ao leão moribundo
Que as aguas podia d'um trago aspirar,
Se fogo de chammas que abrazam um mundo
Podesse extinguir-se co'as aguas do mar?

Ou segues acaso no vôo alteroso
Alguma avesinha
Que, só, e entre as nuvens do ceu vaporoso,
Ligeira caminha,

Fugindo á procella que ao longe condensa
Os negros vapores, que, em pouco, talvez
Em fria voragem medonha e immensa
Ella hade encontrar do seu vôo atravez?

Não sei; mas perdoa se a vista mergulho
Tambem no poente,
Comtigo escutando da pomba o arrulho,
A voz innocente!...
Que, mais do que o sol que no espaço deslumbra
E doura a campina d'alegre fulgor,
Apraz-me a luz debil, a vaga penumbra,
Que tem mais saudade, traduz mais amor!

Á luz do crepusculo leio, medito
N'um livro que exprime
Em multiplas folhas um canto bemdito
Um threno sublime!...
Então, qual nos vôos o espirito ao justo
Percorre a celeste, fulgente mansão,
Minha alma as fragrancias aspira do arbusto
Vogando no seio d'aéria canção!

Por isso é que a pobre de manso divaga
Sentindo a tristeza
Com que, á tarde, expira no mar uma vaga,
A flor na deveza!
O brando reflexo que morre nos cumes
Das vastas montanhas erguidas além
Esparge em minha alma celestes perfumes
D'ignotos rosaes que este mundo não tem!

—

És bello, ó mundo! Bem vejo
O ardor febril do prazer
Atear mais o desejo
D'amar, de rir, de viver!
És bello, sim; na demencia
Dos delirios, a innocencia
Desvairada muita vez
Das rosas da fronte bella
Entretece uma capella
Para depôr a teus pés!

A festa com seus encantos,
As flores com seu matiz,
Occultam, vedam os prantos
Em de redor do feliz!

O sorriso e o ai espontaneo,
O gesto, o olhar momentaneo
Com aquelle dom que é seu,
Em nós despertam os sonhos
Suaves, aérios, risonhos,
Como um prodigio do ceu!

Em aurea taça, espumante,
Jorra o divino licor,
O philtro que n'um instante
Accende o fogo do amor!
O espectro da desventura
Ante a luz foge, procura
Transpor da festa os umbraes,
Soluços ninguem os sente
Quando resoa fremente
O côro das bacchanaes!

Alli sómente o delirio
Impera, prende, seduz
E nos descerra um empyreo
D'amor, de sonhos, de luz!
risos, flores, perfumes,
lo se enlaça, e mil lumes

São convivas no festim!
Nas azas d'uma chymera
A mente percorre a esphera
D'uma ventura sem fim!

Acolá, só á conquista
Da gloria se aspira; o ceu
Offusca, deslumbra a vista
Que, desvairada, se ergueu!
Sobre a fronte scismadora
D'essa visão tentadora,
Que um mundo resume em si,
Paira a centelha divina
Que mais o louco fascina
Quanto mais longe sorri!...

A sombra, por que se anhela,
Tentadora sempre! e nós
Seguindo-a loucos! mas ella
Sempre a fugir-nos veloz!
Ora nos sonhos fugazes
Com suas aérias gazes
Nos vem a fronte roçar;
Ora, talvez com receio,

Entre ella e nós de permeio
Põe o abysmo, o espaço, o mar!

A mente exalta-se e voa,
Não pára, não se detem;
Ignoto canto resoa
E a prende e attrae além!
Por cada esphera em que passa
Novas espheras devassa
De mais subido explendor,
E sempre a sede constante
De caminhar inda ávante
Em busca de mais fulgor!

Ó mundo, és bello! a teu culto
Rendidas as multidões,
Desprezar-te é dar o insulto
Em troca de maldições!
Muito embora a sorte ás vezes
Mude a victoria em revezes
E a bonança em vendaval,
Não raro tambem coroas
De flores os que agrilhoas
Ao teu carro triumphal!

—

Á tardinha, porém, se á immensidade
Elevo acaso o olhar é presto culto
Á luz que morre além,
Do archanjo vaporoso da saudade
Ante mim se destaca o meigo vulto
Fitando a luz tambem!

Apraz-me sempre a languida tristeza
Que ao sol posto reveste brandamente
O mar, a serra, o val!
Minha alma anceia aqui, sente-se presa,
Mas ao fulgor que baixa do poente
Quebra o laço fatal!

Ella outros climas encantados sonha
Atraz d'aquellas nuvens luminosas
Que á tarde orlam os ceus!
Ao longe a primavera mais risonha
A fronte cinge de fragrantes rosas
Bafejadas por Deus!

XXVIII

Versos para o piano

I

Inclina a meio teu suave rosto
Como ao sol posto o novelleiro em flor
Descae ao beijo da bafagem lenta
Que mais lhe augmenta o virginal frescor!

Inclina e pensa! estende a vista ao largo,
N'esse lethargo em que nossa alma a Deus
Se eleva pura qual fragrancia amena
Com que a açucena aromatisa os ceus!

E sempre bello quando a mente vaga
Na doce plaga da ventura ideal,

Emfim liberta do terreno laço
Que veda o espaço ao infeliz mortal!

A rolasinha, da candura a imagem,
Entre a folhagem bem a vês tambem,
Como quem scisma na encantada estancia
Que outra fragrancia lhe promette além!

E a fragil tulipa indolente e bella
Tambem revela que namora o ceu
Quando se inclina descerrando o calix
Á luz que os valles de fulgor encheu!

Deixa, consente pois que ao lindo seio
Descaia a meio teu semblante em flor!
Flores ou anjos têm a mesma dita,
N'elles palpita egual porção d'amor!

II

Que som mavioso em tua voz nos falla
Quando se exhala demandando os ceus,

N'aquellas horas em que a branda aragem
Procura a imagem e os suspiros teus!

Ó virgem pallida! a mais linda estrella
Sorrindo bella, a prometter amor,
Se encanta os olhos não se grava n'alma
Com luz tão calma e tão gentil frescor!

O nauta, sabes, tem por guia os polos
Entre esses rolos do espumado mar!
Tem o poeta as illusões que adora,
Visões d'uma hora, enganador sonhar!

Assim da vida n'este mar d'escolhos
Teus bellos olhos de formosa luz...
Ai! quantos guia a seductora chamma
Que a mente inflamma e doce amor traduz!

Engano ledo que nas vagas soltas
Girando voltas nos arrasta além,
E em breve passa, enganadora imagem,
Falsa miragem que dos ceus provém!

Embora mintas! Se algum som mais brando
De quando em quando transpirar aqui,
Ó anjo, em paga dos perfumes santos
Os debeis cantos só consagro a ti!

XXIX

Harpejos

Ao sereno da noite, se o peito
No remanso te pulsa ditoso,
Quando a aragem n'um sopro oloroso
Sobre a ólaia
Desmaia
Na flor;
Que poesià na pallida fronte
E nas queixas que aos labios te assomam!...
Os respiros do peito nos tomam
Suspirando,
Fallando
De amor!

—

Se teu canto se exhala suave

Como as notas da terna viola;
Se tua alma que os tristes consola
Nos inspira
Qual iyra
Dos ceus;
Que paixões delirantes ateias
No que bebe uma crença em teus hymnos,
E se alenta aos perfumes divinos
Que nas fallas
Exhalas!...
—Meu Deus!

—

Oh! se á flor de teu peito a candura
Em suaves effluvios ressumbra,
Quando á tarde uma vaga penumbra
Inda a veiga
Vem meiga
Beijar;
Se teu rosto se inclina doente;
Se nas scismas te vejo embebida;
Como os éstos pollulam na vida
Que, sem queixas,
Tu deixas
Amar!...

—

E resas no livro sagrado;

Se os teus olhos vagueiam a medo
A temerem trahir um segredo
Que eu um dia
Podia
Saber;
Se eu te vejo beijar a creança;
Se ao mendigo tu deixas a esmola;
Que doçura da terna viola
Vem n'um carme
Deixar-me
Morrer!

XXX

Lagrimas e sorrisos

Quando presentes crystallina lagrima
Do teu semblante resvalar perdida,
Não vês que as nuvens que o teu ceu escurecem
Sempre entristecem outro olhar tambem?
Não vês, se o riso te descerra os labios,
Que á doce luz que te illumina a vida
Se alegra mais alguem?

Teu pranto é chuva, é sol o teu sorriso,
Mas chuva e sol de amor!
Chores ou rias, sempre em ti diviso
Da vida a meiga flor!

XXXI

A ti

Vagueia embora, mysteriosa fada,
Que a fronte cinges de pallor celeste,
Ao longe, em mundos onde o vento agreste
Nem sempre esfolha a pudibunda flor!
Vagueia embora! que meus olhos ávidos,
Fitando a medo teu brilhar de estrella,
Jámais te digam quem por ti anhela
Buscando ancioso o divinal fulgor!

Ai! se eu te vira emmurchecido o calix
Dos brancos lirios que o perfume espargem,
Sem que os perturbe a regelada aragem,
Que já na vida tanta flor murchou;

Ai! se eu t'o vira requeimado ao sopro
Do agreste inverno de uma vida impura
Que a meiga estrella que no ceu fulgura
Por baça luz da bacchanal trocou;

Mais funda magua, mais intensa febre
Viria agora rescaldar meus dias,
Ao ver rolando desbotadas, frias,
As tuas rosas no gelado pó!
Solto do laço de meus sonhos magicos
Onde tu passas qual lampejo santo,
Findo seria meu celeste encanto
Sem um perfume de venturas só!

Por isso, ó estrella, mais te quer meu peito
Ao ver-te a fronte resplendente e meiga,
Qual açucena em merencoria veiga
Sorrindo alegre, mas ao longe, além!
Que importa, ó virgem, que em celestes páramos
Por mim não brilhe a luminosa flamma
Se a luz explendida ao ideal me chama
E anima a crença em meu viver tambem!

E eu amo o goso do ideal celeste
A vida anciosa desprendendo ao mundo,
Quando vogamos n'este mar profundo
Em que se lucta contra a onda em vão!
O ideal! perfume de ignoradas rosas,
Que accende os éstos da paixão violenta,
E muda as vascas da feral tormenta
Em sons maviosos de gentil canção!

Oh! mas quem sabe se o funesto vento,
Alçando o vôo ás regiões que habitas,
Um dia triste as illusões bemditas
N'um sopro agreste irá talvez murchar!?
Então, sem rumo, sem fanal, sem norte,
Por sobre os plainos das immensas vagas,
Só a lembrança das saudosas plagas
Será comtigo na extensão do mar!...

Oh! não; talvez outro baixel errante
Nas mesmas ondas teu olhar aviste,
Rotas as velas da tormenta triste
Que o azul celeste n'um vulcão tornou!...
Então se o resto de um perfume santo
Que as rosas deixam inda apoz a ida

Vier n'essa hora revocar-me á vida
Que ha muito, ha muito, o vendaval turbou;

Perdoa, ó fada! talvez eu bemdiga
A triste sorte que arrojou ao mundo
Teu lenho fragil, n'este abysmo fundo,
Ludibrio emfim dos escarceus fataes!
É que nas horas do final arranco,
Voltando os olhos á estação florente,
É sempre doce perpassar na mente
A quadra amena que não volta mais!

XXXII

A um poeta

Olha ! a tristeza, o assustador marasmo
No mar se estampam quando em calma um dia,
Nem um suspiro, nem um canto envia
A vaga inerte á desleixada flor !...
Ai ! pois se a pobre nem siquer um sopro
Lhe agita o seio onde a paixão transpira
Quando, á tardinha, a harmoniosa lyra
Nos prende ás vezes segredando amor !

Tambem nossa alma de emoções vazia
Chega um momento em que assim jaz sepulta
Na inercia triste em que a descrença avulta,
Sem mais venturas, mais amor sonhar !

E o alento casto que aspiramos ávidos,
Como fragrancia de gentil magnolia,
Só pode em canticos de uma harpa eólia
A corda inerte das paixões vibrar!

XXXIII

Quando contemplas n'uma noite linda
O mar que a praia suspirando adora,
Se a vaga eu fôra qual a flor tu és;
Á luz da estrella que teus passos guia,
De leve iria, mais amante ainda,
Talvez morrer-te aos pés!

Se eu fôra a lua que no ceu deslisa,
Quando te vejo pensativa e bella
Sorrir á estrella que reluz no ceu;
Á luz da estrella que teus passos guia,
Á noite iria, ao perpassar da brisa,
Morrer no seio teu!

Se eu fôra a essencia que a violeta exhala
Quando, á tardinha, ao perpassar da aragem
Treme a folhagem com subtil rumor;
Á luz da estrella que teus passos guia,
Mais doce iria perfumar-te a falla
Se ella fosse d'amor!

XXXIV

Sonhos passageiros

Constante aspiração nos traz a vida
Suspensa como nuvem que esvoaça,
E, breve, qual a nuvem tambem passa
Buscando o azul dos ceus na despedida!

Se ha prantos, ninguem chore a alma fugida!
Sagremos sempre a lagrima á desgraça,
Que a tristissima sombra que esvoaça
Outro clima procura, outra guarida!

Oh! leva-me tambem, luz do poente,
Suspenso n'um teu raio que illumina
Lá nos ceus o infeliz eternamente!

N'este exilio d'abrolhos, luz divina,
Todos soffrem... que o ceu bem o presente,
Mas allivios ninguem na dor ensina!

Ninguem! Debalde estendo ao longe os olhos!
Procuro sempre em vão quem á desdita
Já dissesse «és mentira, és illusão!»
Não murcha á tarde o lyrio entre os abrolhos?
Não perde a estrella um dia a luz bemdita?
Quem diz, quem diz que não?!

— Ninguem! — Talvez responda o triste louco
Aos apupos do mundo e á voz maldita
A fronte encandescente erguendo mais!
—Ninguem!—Murmura, descerrando um pouco
Seu calix d'ouro, a linda margarita
D'uns labios virginaes!

Mas tu nos teus anceios vês um astro
Que adoras lá no ceu! Quem não adora
Uma estrella, uma flor, antes de Deus?
Quem não scisma n'um seio d'alabastro?
Não expira d'amor á luz da aurora
Como a estrella nos ceus?

Ó triste, ó triste filho da desgraça,
Aspira embora á imagem que apparece
Por noite perfumada em teu sonhar!
No sulco luminoso que ella traça
Caminha, segue ávante, e depois desce
Onde ella te deixar!

Onde ella te deixar!... Destino incerto!...
No mar da desventura emfim perdido
Sem bussola talvez, talvez sem luz!
Sem orvalhos n'ardencia d'um deserto,
Ou sem braços de mãe, filho esquecido
Nos braços d'uma cruz!...

Mas volve o olhar ás sombras do passado!
Tanto espectro não vês inda chorando
A estrella que o destino lhe apagou,
Quer no gladio ou no livro começado,
A dextra macilenta repousando
Da lucta que a prostrou?!

As vistas este erguendo ao firmamento
Deteve um pouco seu olhar profundo
E na pagina eterna um dia leu;

Mas louco! só não mente o fogo lento
Que a historia inda illumina! mente ao mundo
A voz de Galileu!

Aquelle das algemas faz a espada,
Do sceptro pedestal, e á grei pequena
Da espada novamente faz grilhão!
Mas de Waterloo ao fumo anuveada,
A estrella cae, baqueia em Santa Helena,
E cae Napoleão!

Eis dois filhos sublimes da loucura!
Fictando só nos ceus a luz divina,
Recebem só desdens das multidões!
E filhos desherdados da ventura
Banqueia Chenier na guilhotina,
E no hospital Camões!

A vida é pois um mar onde em pampeiro
A brisa se transforma! onde ha um fumo
Que depressa perturba o ceu azul!
Voguemos qual o pobre marinheiro
Emquanto o norte lhe acompanha o rumo,
Emquanto dorme o sul!

XXXV

Deus piedoso, o orvalhar da madrugada
Mandaes ás murchas plantas do caminho,
E ás agruras do val!
O alvor da lua á praia abandonada,
E ao ser mais hediondo o casto ninho
Do seio maternal!

Á vaga daes o cysne suspiroso,
Covil á fera, estrellas ao infinito,
As aragens á flor!
E a cada abelha o calix perfumoso
Da magnolia que á tarde o olor bemdito
Vos envia, Senhor!

Só no mundo vegeta um triste lyrio,
De manhã sem orvalhos, e de noite
Nas trevas sem fanal,
Exposto ao sopro agreste do martyrio,
Sem um tecto piedoso em que se acoite
Da tormenta fatal.

E, ó Deus, se um dia o vendaval do seio
Lhe roubou os perfumes da innocencia
E a pureza do ceu,
—Perdão por vossa cruz! — Do ceu proveio
Esse influxo impropicio que a existencia
Lhe enluta em negro veu!

Encerra-se uma estrella em cada peito
Que em linda madrugada desabrocha
E a mente nos seduz;
Até que um dia o turbilhão desfeito,
Transpondo as serras e galgando a rocha,
Apaga a doce luz!

Depois, da orgia o facho crepitante
Nos mostra muita vez mais um comparsa

De gélida expressão!...
É a virgem transformada na bacchante,
Que em riso sem pudor talvez disfarça
A dor do coração!

E um só raio de sol no triste inverno
Podia dar consolo á desventura,
E alento áquelle ser!...
Um só raio d'amor d'um seio terno
Talvez inda ateasse a chamma pura
Que se deixa morrer!

Talvez que fosse o orvalho matutino
Que n'um philtro d'amor o lyrio sente
Do azul dos ceus baixar,
Ou doce aragem que em rumor divino
Affaga no deserto a fronte ardente,
Á sombra do palmar!...

—

Ó filhos predilectos da ventura,
Já sentistes o sopro humedecido
Das frias noites em que o sul murmura
E junta o som da vaga ao seu bramido?

Quando o gelo atapeta a triste rua
E no albergue do pobre a luz vacilla,
A estrella que nos sonhos vos fluctua
Acaso já perdeu a luz tranquilla?

Acaso a negra nuvem do poente
Já vos trouxe algum dia a escuridade,
As auras que vagueiam docemente
Mudando em rugidora tempestade?

Oh! não, que a ventania não alcança
N'um sopro agreste as regiões do mundo
Onde só murcham na ruidosa dança
Os lyrios do semblante pudibundo!...

Onde a candida fronte só descora
Na vigilia e na valsa que embriaga,
Como a estrella desmaia á luz d'aurora
E a lampada no templo emfim se apaga!

O pó das salas em que a flor baqueia
É um atomo subtil de vapor santo

Ao pé do frio lodo que enlameia
De muito peito o virginal encanto!...

Deixae pois que uma lagrima d'aljofre
Dos olhos vos deslise compassiva;
Talvez que dê allivios a quem soffre
E á triste magua traga emfim a estiva.

Talvez que seja a perola bemdita
Que nas ondas acalme a tempestade
A lagrima que ao seio da desdita
Dos olhos vos baixar na soledade!

Os porticos cerrae ás ventanias
Que se embatem ás portas da pobreza
D'um só trago aspirando as ambrosias
E os perfumes dos lyrios de pureza!

Mas a alma descerrae em luz celeste
Á triste vida que a desgraça opprime,
Tremendo ao silvo da nortada agreste
Como em arida plaga o debil vime!

O sopro de consolo que se exhala
Vae aos empyreos procurar guarida,
Para aos pés do Senhor servir de falla,
Quando nossa alma um dia errar perdida!...

Um reflexo d'amor á fria treva
Do seio da mulher! — A luz piedosa!
A luz que as almas ao empyreo eleva
E torna opála a rocha lacrimosa!...

Senhor! á triste magua
Em que a vida esmorece
Mandae a gotta d'agua
A que a flor reverdece!

Feliz! dae um affago
Ao peito sem amor
Como ao limpido lago
Os ceus dão seu fulgor!

Dae aos entes que dobram
Ao peso da desdita

Allivios que vos sobram
Na existencia bemdita!

Da noite nos horrores
A vida em turvo mar
Pede um beijo d'amores,
E um raio de luar!

Luz pois! luz e conforto
Á triste alma perdida
Que em torno ao quedo porto
Vagueia sem guarida!

Se acaso crês no empyreo
Solta um acerbo ai
Quando se esfolha um lyrio,
Ou quando a mulher cae!

Quantos cospem, ó alma dolorida,
Do sarcasmo a aviltante gargalhada
Nos mysterios reconditos da vida!

E quantos vão á fronte regelada
Do inverno e do desprezo, sem piedade,
Rojar o lodo infame da calçada!?...

Sem cuidarem que fera tempestade
Maculou a pureza d'esses lyrios
E o divino rubor da castidade?!...

Sem cuidarem que sopro extingue os cirios
Do pudor no semblante pudibundo,
Cavando o fundo traço dos martyrios!...

.....

Abrem-se os antros d'um horror profundo,
Na vida, sob os passos vacillantes
Que arriscam infelizes pelo mundo!

Debaixo das camelias vicejantes
Occulta muitas vezes a folhagem
Immensas trevas de golfões gigantes;

E ao fatal magnetismo da voragem
Que o seio procelloso abre á desgraça
Perde-se um dia a virginal bafagem!

Depois a turba ruidosa passa,
Sem ouvir os gemidos d'uma prece
Que em torno dos ouvidos lhe esvoaça!

Sem chorar a grinalda que emmurchece
Dos abysmos á beira até que um dia
Rolando á desventura emfim perece!...

Vem, ó histrião da social orgia,
Á tétrica mansão da desventura
Olhar a luz que morre dia a dia!

Se o rocio da manhã na sepultura
De nectar enche o calix perfumoso
Dos jasmins; um reflexo de ventura
Que olor traria ao seio lacrimoso!

—

Se um dia te acercares do rochedo
Que se ergue junto ao mar, quando queixoso
Roja o vento da serra no fraguedo
E da vaga no dorso buliçoso
A juba de leão;
Saberás sobre o peito dolorido
Quanto custa o bafejo humedecido
Do fero turbilhão!

Sentirás quanto o gelo dilacera,
Nas horas vagarosas d'uma noite,
A vida que debalde, triste, espera
De luz um raio, um tecto em que se acoite,
Uma benção do ceu,
Ao concerto fatal e caprichoso
Da tormenta e do canto lamentoso
Que o cysne desprendeu!

O arrobo pois ao calix d'amargura,
Ao peito regelado uma caricia,
Ó filhos predilectos da ventura,

Se inda quereis mais doce a luz propicia
Que o ceu vos enviou!
Senhor! em vez das trevas uma estrella
A quem um dia a virginal capella
A sorte desfolhou!

XXXVI

Fragmento

. . . . . .

Alva pomba de candida meiguice,
Do ceu tu me sorri! No azul ethereo
Volita sobre as azas côr de neve,
Aspirando a bafagem de candura
Que exhala a creação! Propicia estrella
Conceda que tua alma se espaneje
Da ventura no seio embriagante,
Ó sombra pudibunda dos meus sonhos,
Como a abelha côr d'ouro se mergulha,
Libando a leves tragos a ambrosía,
Na perfumada flor do jasmineiro!

Que o sorriso infantino á flor dos labios
Te fluctue, qual fluctua o brando halito
Da noite suspirosa á flor das aguas
Em que o cysne de perolas alaga
As pennas de candura immarcessivel!...

E a vida beberei no doce effluvio
Que irradies da tua auréola santa,
Qual a anemone aspira só alentos
Nas auras e nos prantos matutinos!
Serei, ó anjo, uma harpa eólia em ermo
Vibrando se um bafejo lhe perpassa
Na corda emmudecida em ar tranquillo!
Assim, quando os respiros de teu peito
Passarem no silencio de minha alma,
Terei vozes que á beira do caminho
Talvez a multidão um pouco attenda!...
Que as pobres no sacrario de teu seio
Possam, ó virgem, ser qual voz de um orgão
Que pela nave augusta soa branda,
Elevando-se aos pés da divindade
Nos tenues flocos do vapor celeste
Irmão das sacrosantas melodias!

.....

Tu és, ó imagem candida,
Visão que nos encanta!
Effluvio de luz santa,
No ceu doce fanal!
Brinca-te aragem tépida
Na madeixa côr d'ouro
Que resume um thesouro
De feição ideal!

No azul do ceu propicio
Tu és, ó casta filha,
O aroma da baunilha
Vagando aos pés de Deus!...
No seio occultas perolas
Que ás maguas de quem soffre
São quaes bagas de aljofre
Que á flor chovem dos ceus!

Em teu suave anhelito
Resumbra a luz divina
Da casta Fornarina
E da diva Beatriz!
Quando n'um sonho placido
Nos segredas á mente

Sente-se a alma contente
E o peito mais feliz!

Tu és o floco limpido
Que á terra envia a aurora,
Voz bemdita e sonora
Que a lyra envia ao ceu!
Farol em noite gélida
Chamando ao quedo porto
O nauta sem conforto
Nas luctas do escarceu!

Sorri-me, ó pomba timida!
Sorriso que te assoma
Nos labios é o aroma
Que enebria d'amor!
Sinto que em sonho candido
Me torna a desventura,
E o calix d'amargura
Em nectar d'uma flor!

.....

Um dia do teu vôo já cansada,
Quando a vista piedosa emfim lançares
Dos ceus ás turvas regiões dos mares
Onde a vida sussobra quebrantada;

Então, benigna sombra consolada,
A fronte dolorida aos teus olhares
Em divina fragrancia dos altares
Talvez se julgue a triste perfumada!

Sósinha exultará na despedida
Á estrella radiante que fulgura
Como saphira n'amplidão perdida!

É que o teu peito d'uma chamma pura,
O ceu lhe illuminou sempre na vida
Emquanto ella chorou na desventura!

XXXVII

Visão

O sol ardente d'agosto,
Os dias d'intensa calma
Tu affastas de minha alma
E desvias de meu rosto!

Palmeira que no deserto
Dá consolo ao viajor,
Á vida, n'um ceu aberto,
Dás sempre o orvalho do amor!

Aljofar que na corolla
Da exhausta flor se dilue

O desgosto diminue
Se o teu perfume a consola!

Vem, ó fada! que um sorriso
Do teu labio virginal
Descerra-me um paraiso
De todo o encanto ideal;

E n'alma infiltra os fulgores
D'uma centelha divina,
Como á tarde na campina
A olaia derrama flores!

Tu és a estrella propicia
Que os olhos buscam nos ceus!
O beijo, a doce caricia
Da mãe terna aos filhos teus!

Nectar occulto nas fezes
Do amargo calix da vida,
Restea de sol espargida
Na fronte gélida ás vezes!

Suave nuvem d'incenso
Fugindo pura do altar;
Mimosa estrella em que eu penso,
Mimoso e lindo sonhar!

Bonina em ingreme serro
Alegrando o caminhante,
Affagos que o peito amante
Comsigo leva ao desterro!...

E é tão doce a claridade
Que a estrella espalha no ceu
Se a estrella és tu, ó beldade,
E a triste noite sou eu...

Eu que não posso que a vista
Á luz se não prenda logo,
Luz, que me ateias o fogo
Da paixão sempre egoista!

Luz, que te infundes tão pura
Nas trevas do meu viver,

Qual centelha em gruta escura
Se as rochas pode romper!

E em ti creio! Eu te diviso
Sempre bella, ó santa imagem,
E minha alma é a voragem
Ás perolas do teu riso!

Perolas que á flor mimosa
Dos labios eu vejo em ti,
Se o rubro botão de rosa,
Abre o calix e sorri!

XXXVIII

Entre o ceu e o abysmo

Passaste de luz radiosa
Ao reflexo do sol posto,
A rosa olhando teu rosto
Redobrou a rubra côr;
Tremeu... cegou-se nos raios
D'essa luz enebriante
Que toldava teu semblante
Em doce effluvio d'amor!

Passaste!... mais tarde a lua
Das nuvens no céu surgia:
Que d'amor, que d'harmonia,
Na fronte lhe transpirou!

Eram as brisas da noite
A darem-lhe o seu perfume
Em troca d'aquelle lume
Com que o mar illuminou!

Que doçura, que delirio,
Transpirava alli, Maria,
N'aquelle expirar do dia
Que enviava a terra o adeus!
Rescendia a paz dos anjos
No azul do ceu mais ameno,
Então brilhando sereno
Como a luz dos olhos teus!

Mas ao longe refervia
A torrente caudalosa,
Soando com voz queixosa,
Mas d'um toque sepulchral;
«Finda aqui toda a esperança»
Dizia n'um som fremente
A procella refervente
N'aquelle abysmo fatal!

E o vento vinha chegando
Lembra-me a rosa! coitada!
Pouco a pouco desfolhada
Cahiu nos antros fataes!
E, tu, pensa bem que um dia,
Pode o fatal magnetismo
Tambem rojar-te ao abysmo,
Que então dirá « nunca mais! »

XXXIX

A infancia

(DE V. HUGO)

Cantava a creancinha; a mãe agonisante
De sombras se envolvia em taciturno veu;
N'uma nuvem sobre ella a morte andava errante:
E eu escutava os ais e o cantico do ceu.

Cinco annos tinha o filho, e junto da janella
O jubilo espargia em seu meigo sorrir;
E perto d'elle a mãe coitada, pobre d'ella,
Emquanto elle cantava, ella sempre a tossir!...

Foi por fim repousar a livida cabeça
Na fria terra; e o filho a rir sem pena ter!... —
É como um fructo a dôr: não quer Deus que elle cresça
Na haste fragil de mais para o pomo suster.

XL

Ave!

Fiz ideia dos ceus! Ó anjo, o triste
Não ha de ouvir um dia os hymnos ternos
Que o ceu promette aos bons,
E no peito sentir,—se um Deus existe,—
Em vez da fria chuva dos invernos
Uma chuva de sons?!

Doce chuva de santas melodias
Que em balsamo piedoso á desventura
Affaga a murcha flor;
Nectar santo que aspiro e tu me envias
Em suavissimas notas de ternura
E em suspiros d'amor!

Pois se ás fibras do tronco requeimado
O orvalho paternal desce de cima,
Da cupula dos ceus;
Mulher! mulher! teu canto apaixonado
Cahir não deve ao peito que se anima
Se escuta os hymnos teus?!

Cahir não deve em tua voz divina
Da flor que tens no seio o aroma santo,
Ó santa apparição,
Como á tarde se espalha na campina
O aroma da baunilha e o meigo canto
Da branda viração?!

No empyreo Deus não vela sempre a estrella
Nem consente que a estrella nunca envie
A luz a todos nós;
Como ha de elle negar, ó alma bella,
Que a dôr se esqueça e a magoa se allivie
Ao som da tua voz?!

É Deus que ao ceu nos chama! O paraiso
pulsar de teu seio sorri perto

Á vida, sombra vã!...
E a mente na fragrancia d'um sorriso
Um lyrio virginal sonha entreaberto
Ao sopro da manhã!

XLI

Assim!

Nas hastes do tomilho
Como a arveloa se embala,
E á mãe sentindo a falla
No eburneo collo o filho;

Como a doce magnolia
Que n'um sopro dos ceus
A fragrancia purissima
Envia aos pés de Deus;

Embala hoje aos cantares
Da lyra suspirosa

A fronte graciosa
Côr da espuma dos mares,

E deixa o aroma candido
Do teu seio beber,
Qual bebe o orvalho limpido
A flor quasi a morrer!

Que a branda melodia
Que os anjos embevece
Quando a lua esclarece
Os ceus apoz o dia,

Será talvez o cantico
A fallar-te do amor,
Que a virgem, qual a anémone,
Accusa em seu rubor!

Que o teu perfume santo
Assim voando leve
De sob a pura neve
Do mais celeste encanto,

Talvez o peito examine
Venha á vida chamar,
Qual chama a alma ao empyreo
A fragrancia do altar,

E assim, acalentada
Na ditosa indolencia,
Recendente da essencia
Por outra alma aspirada;

Serás no sonho placido
Um archanjo dos ceus,
Levando as almas transfugas
As regaço de Deus!

XLII

Ideal

D'onde vem? de que flor é que se exhala?
Onde existe? em que plaga?
Este perfume que de Deus nos falla
E assim nos embriaga?!
D'encantados jardins elle descende?
É da terra ou do ceu, ou provém só
Dos vergeis onde o outono em breve estende
As rosas desmaiadas sobre o pó?

Que extranha vida nos influe no seio?!
Que arroubo tão celeste?!
Acaso é extase, ou divino enleio,
Ou luz que nos reveste?

Em vagos sonhos, divinaes, supremos,
Qual chamma que dos ceus a nós baixou,
Que phantasticos mundos entrevemos
Se os labios este philtro nos tocou?!

É brando sopro d'invisiveis anjos
Que fluctua no espaço,
Attrahindo nossa alma dos archanjos
Ao candido regaço?...
E então vogando perto das espheras
Mais lucidas, nos mysticos umbraes,
Em risos de constantes primaveras
Transforma d'esta vida os vendavaes?!...

Ou da terra ou do ceu provenha embora.
D'ignoradas paragens,
Da luz que morre ou da ridente aurora,
D'illusorias miragens,
Dimane esta fragrancia que me inspira,
Que attrae, que prende, e me conduz aos ceus
Nos acordes maviosos d'uma lyra
Nas alturas vibrada só por Deus;

Eu quero o nectar santo que me abysma
No que é bello e profundo,
Fazendo que atravez luzente prisma
Encare sempre o mundo!
Vinde, sim, povoar-me a phantasia
Ó risonhas e candidas visões,
Emquanto ao longe não arrojo um dia
A taça das serenas illusões!

Vinde nas horas placidas
Em que nos ceus fulgura
A luz serena e pura
Da estrella mais gentil;
Ou quando a aurora candida
Aponta, surge, explende
E o veu dourado estende
Sobre os rosaes d'abril!

Seja nos raios tremulos
Do sol, quando elle assoma
E aspira o grato aroma
No prado a cada flor,
Ou quando no crepusculo
Em nuvens se amortalha

E em volta a custo espalha
A luz já sem calor;

Eu quero o doce fremito
Da gaze vaporosa
Que traja graciosa
Cada gentil visão
Que vem dos umbraes mysticos,
Fugaz, risonha, aerea,
E em sua chamma etherea
Minha alma envolve então!

Oh! lute sim, revolva-se,
Vença, ou caia de todo
O mundo sobre o lodo
No infame tremedal;
Nas ancias do naufragio
Seus idolos dilectos
Salve, e esqueça os affectos
Moldados no ideal:

No pó rasteje; occulte-se
Á luz que vem de cima;

Renegue o que aproxima
Seus passos d'esse altar
D'onde se exhala a essencia
Da flor do sentimento
Que pode n'um momento
Em sonho a dor tornar:

Condemne embora o reprobo
Que passa e não respeita
O mundo que se enfeita
Com falsos ouropeis:
Condemne, sim, maldiga-o,
Já que elle o atroz insulto
Lhe cospe no seu culto
E arroja aos seus laureis:

Que importa? A mente exalta-se
E, além, n'outras paragens
Se embebe nas miragens
Que apontam lá nos ceus,
Emquanto em baixo o pelago
Rugindo, esbravejante,
Não pode ao sol brilhante
Roubar os raios seus!...

E sempre a luz explendida
No espaço illuminando
As almas que vagando
No doce clima, além,
Se perdem nas innumeras
Veredas em que habita
Cada visão bemdita
Que os ceus por solio tem.

Oh! vinde pois, phantasticas
Visões, doces chymeras,
Que as frescas primaveras
Nas frontes resumis,
Soltar nos sonhos placidos
De quem por vós anhela
A mais risonha e bella
Das rosas que cingis!

Vinde nos raios tremulos
Do sol, quando elle assoma
E aspira o grato aroma
No prado a cada flor,
Ou quando no crepusculo
Em nuvens se amortalha

E em volta a custo espalha
A luz já sem calor!

—

Emquanto o manto azul do puro firmamento
D'estrellas aos milhões bordado eu possa ver;
E o silencio da noite unindo-se ao lamento
Do cysne vagabundo, em sonhos me embeber;

Emquanto resoar nas balsas um gorgeio
Das rosas na fragrancia alando-se até Deus;
Emquanto se expandir em jubilos o seio
Ao ver baixar a luz, ao ver sorrir os ceus;

No candido fulgor mergulha-te, ó minha alma,
E aspira n'amplidão, nos lucidos umbraes,
A essencia divinal que a dor em nós acalma
E os lyrios faz viçar por entre os vendavaes;

FIM

Meu caro Guilherme de Azevedo.

Ha trez annos, pouco mais ou menos, que eu tive a satisfação de dar publicidade nas columnas do *Commercio de Lisboa*, na secção do folhetim que então redigia, a duas poesias da sua lavra; e, conceda-me esta manifestação de vaidade, creio que fui um dos primeiros, senão o primeiro, a festejar pela imprensa o seu mimoso talento.

Lembro-me de que n'essa occasião o aconselhei calorosamente a que proseguisse, e o convidei a que nos reunisse n'um volume os seus versos. Lembro-me mais tambem de que, na intenção de o fortalecer n'esse ultimo proposito, me comprometti, attenta a consideração, sem duvida demasiada, que, em taes assumptos, lhe inspirava o meu nome, a acompanhal-o com meia duzia de linhas por entre as lides da publicação do seu primeiro livro.

As suas *Apparições*, que ahi sahem agora do prelo, cumprem fidalgamente a promessa que, então, me fez. Eu, porém, é que me sinto na impossibilidade de dar cabal desempenho á minha.

Fiz-lhe ver por mais de uma vez, em conferencias ulteriores, qual o motivo insidioso por que eu assumira, a tentar-lhe o animo, tão pesado encargo; disse-lhe quanto me reconhecia incompetente para *juizos criticos;* quanto me escasseava a auctoridade necessaria para recommendar uma obra, que, aliás, me pareceu sempre não carecer de recommendações officiosas. Mas o meu amigo que dispõe, como poeta, de uma fina e delicada sensibilidade, foi devéras, como crédor, inexoravel para commigo.

Inutil é, pois, já'gora qualquer tergiversação, e resta-me acceitar corajosamente as consequencias do passo imprudente a que me abalancei.

Descance o meu amigo; não tema que eu vá subtrahir-me á posição embaraçosa, illudindo a promessa. Não; — ser-me-hia facil ahi alinhavar alguns periodos, de erudição postiça, nos quaes invocasse os altos principios criticos a que muita gente, que os desconhece, usa soccorrer-se; nos quaes me involvesse na phrase sybillina que tem servido de mascara a tanto ignorantão chapado; mas não; não

pisarei esse trilho, infelizmente pouco deserto; nem o seu livro incorreu em culpa que provoque tamanha affronta, nem eu acho de que penitenciar-me para que desça tão abaixo nas minhas, aliás pouco exaggeradas, aspirações litterarias. Vedam-me, sobretudo, o alvitre a invencivel repugnancia que nutri sempre pelos fogos de artificio scientificos, e a consciencia que me assiste de que deve ser a probidade apanagio essencial de quantos pretendem sisudamente um logar entre os escriptores, que assim se intitulam sem abuso do termo.

Não vou, portanto, examinar o seu livro, como critico; vou saudal-o, como poeta; e, á mingua de outros dotes, conto para sahir-me da empresa com a logica do gosto, mais ou menos apurado, que me coube por sorte, com o affecto que lhe consagro, com a lealdade de que me prézo.

Sei bem que o Guilhèrme de Azevedo destina á imprensa esta minha carta; isso, porém, não obsta a que ella, áparte o que precede, vá tal qual iria a que de certo eu lhe endereçara particularmente, se me não apertasse este dever, quando a sua collecção principiasse a correr mundo.

Esta carta, pela qual o auctor das *Apparições*, que não eu, terá de responder perante os leitores, significa só uma opinião individual, uma opinião

que se não cura de fundamentar para os outros, nem se trata de impôr aos outros, uma opinião que o é, principalmente, de um homem que tem affeição pelos poetas, e n'elles acredita com seriedade a meio d'estes annos de prosa.

Ha muito que está dito pelos mestres, e sufficientemente provado para as almas superiores, que a poesia é a incarnação magnifica do que ha de mais sublime no pensamento e no coração. O poeta é o ente fadado para fallar essa linguagem suprema, sonora, eloquente, apaixonada, cheia de luz e de imagens, essa linguagem que tem vibrações para todos os sentimentos, enthusiasmo para todas as grandezas, arrojo para todas as ideias, linitivo para todas as maguas, exforço regenerador para todos os abatimentos, rythmo para todas as harmonias, harmonia para todos os hymnos, expressão, n'uma palavra, para todas as nobres manifestações da entidade moral e intellectual do homem. E porque o poeta é o interprete d'essas confidencias mysteriosas de Deus, que recebe e transmitte conforme a indole do seu espirito e a das suas faculdades affectivas, cumpre-lhe, antes de tudo, para que seja digno d'esse nome, ter fé vivissima no culto de que é sacerdote, cumpre-lhe ser verdadeiro, cumpre-lhe ser original.

Aqui tem o meu amigo a causa d'onde me deriva o bem-querer aos poetas; aqui tem a razão porque, entre as obras dos moços que hoje se provam, entre nós, nas primeiras armas poeticas, eu concebo uma pronunciada predilecção pelas suas composições.

As suas composições têem crença, sinceridade, novidade.

A sua alma revela-se n'ellas constantemente repassada do fogo sagrado, prompta sempre a tender para o bello; doe-se, mas não blasphema; dilacera-se n'um espinho, mas não cospe no altar em que sacrificara na vespera; e, apenas lhe chega um tenue balsamo consolador, eil-a se espaneja de novo, desassombrada e feliz, pelas regiões eternamente viçosas da esphera, ao mesmo tempo phantastica e real, que só se franqueia ás almas de eleição. O seu espirito é recto; não vae pedir, como tantos outros, mentirosas galas á imitação dos Byron, ás agonias de convenção, á impostura do vicio, á simulação do cynismo; canta o que ama, queixa-se do que soffre; admira o que é grandioso, lamenta o que rasteja; nunca se desvaira, porém, nos queixumes ou nos lamentos, n'essas apostrophes rancorosas, n'essas demasias de mau gosto que formam as dilicias de todas as vocações falseadas, in-

uteis, impropriamente ditas. A sua alma é crente; o seu espirito é sincero.

Deprehende-se tudo isto immediatamente de mais de uma passagem do seu livro. Citarei ao acaso:

.....

O brando reflexo que morre nos cumes
Das vastas montanhas erguidas além
Esparge em minha alma celestes perfumes
De ignotos rosaes que este mundo não tem!

.....

Aqui está o seu anhelar indefinido, mas seguro e perenne, para o que quer que é de infinito e de suavissimo que lhe incense as inspirações, que o console das agruras d'este desterro da existencia.

.....

..... O peito sem mais crenças
Tornado esquife aos restos de uma vida!
A fronte, sem anhelos, sem alento,
Olhando sempre o sol na despedida!

Sem reflexos de luz em noite escura,
Sem bafejos d'aragem bonançosa,
Ou siquer uma baga d'esse orvalho
Que abranda a febre qual reanima a rosa!

E eu era assim! mas a sombria nuvem
O vento a leva; nem as ondas bravas
Açoitam sempre as rochas lacrimosas
No meio do mar livre sempre escravas!

Apoz as trevas densas lá nos fulge
Uma estrella no espaço; chovem flores,
Depois da fria chuva que regela,
No peito só votado a acerbas dores!

.....

e logo depois:

A minha alma, que, ha pouco, vacillava
Como a luz debil em fulgor incerto,
Surgiu de novo, qual á gotta d'agua
Se anima o caminhante no deserto!

.....

Eis o que eu disse. Eis o gemido como o sabe soltar a sua sensibilidade; gemido espontaneo, e não arremedo, impregnado de candura melancolica; confranger de labios a que logo succede o riso da esperança; instante de desalento que, em breve, cede o passo á consciencia da força, da missão, e da verdade. Emquanto a mim, prefiro incomparavelmente a meiga tristeza d'estas estrophes, tristeza que não tarda a dissipar um raio do sol, á emphase affectadissima que é gloria dos scepticos de profissão que por ahi enxameiam... a mendigar, entre duas imprecações rimadas, a consideração publica, ou a admissão em qualquer pingue *sinecura* com que os *corruptos* se não resolvem a acenar-lhes.

Pelo que respeita a novidade, quem ousará negar-lh'a?

É frequente apparecerem ahi na mesma semana, nos jornaes, varios trechos de versos, soffriveis na concepção e na fórma, producções de amadores já havidos por fecundos, a que só falta o *quid divinum* para que sejam genuina poesia. Pela maior parte, poder-se-hia trocar indifferentemente os nomes dos auctores, attribuindo a um o trecho que pertencesse a outro, sem que ao publico se facultasse o dar pelo engano. É isto o que lhe não acon-

tece, meu poeta; — os seus versos são positivamente *seus*, e não podem ser de outro. Lembrem, embora, aqui ou além, uma ou outra feição litteraria d'este ou d'aquelle poeta, distingue-os, sem excepção, um cunho de individualidade assentada.

As qualidades que assignalei e que, com especialidade, o caracterisam, abrilhanta-as o sentimento que lhe palpita nas canções, a linguagem, quasi sempre apropriada e rica, e, de um modo notavel, o soberbo colorido das imagens.

Se não, vejamos. Felizmente não me será preciso folhear muito o seu volume para que se me depare um exemplo:

. . . . . .

De montanha em montanha caminha,
Solta o vôo aos paizes de além!
Tu não vês como o fumo, á tardinha,
Dos albergues se eleva tambem?!

Tu não vês se no ar se condensa
O vapor sobre o lago gentil,
Que a neblina só espera suspensa
Que a levante uma aragem subtil?!

Tu não vês se, de tarde, o aroma
A roseira no val desprendeu,
Mal que voa, a fragrancia não toma
Outra senda a não ser a do ceu?!

Eia pois! Tu que és doce composto
De harmonia, de luz, de vapor,
Meiga flor virginal em teu rosto,
E em teus labios um calix de flor;

Vae, qual nuvem que á tarde uma aragem
Do levante ao poente conduz,
Percorrer essa extensa paragem,
Esse mar, esse templo de luz!

.....

Vae, furtando-te á gélida bruma
Que na terra hoje estende seus veus,
Em teu seio guardar, uma e uma,
As estrellas errantes dos ceus!

.....

Cinge as vestes de fina cambraia
E a capella do santo hymeneu,

Que, ao reflexo da luz que desmaia,
Irás ser hoje a noiva do ceu!

Ha belleza, estreme e verdadeira, n'isto.

Considero mimosissimas as estrophes da sua *ultima rosa do verão:*

.....

Levanta a linda cabeça,
Minha pomba da bonança,
Á luz que o mar atravessa
E te resvala na trança!
Ergue a fronte, ó meu thesouro,
Que has de ser mais bella então
Coberta de fios de ouro,
Pomba do meu coração!

Que tem que o vento desfaça
As rosas a uma e uma,
Ó fronte cheia de graça,
Ó lindo seio d'espuma?!
Se ámanhã, depois, em breve
Has de trilhar outra vez
Lindo rosal que te deve
Brotar debaixo dos pés?!

Não vês que o sol no quadrante
Da vida começa agora
A esboçar no teu semblante
Sobre uma aurora outra aurora?!

.....

Furto-me com pena ao desejo de reproduzir integralmente o canto.

É de extraordinaria doçura a poesia, sem titulo, sob o numero XXVI, que principia assim:

Talvez que eu morra cedo! mas se um dia
No outono d'esta vida acaso fores
Á sombra da palmeira a que eu me abrigue
Do sol, nos areiaes abrazadores;

Se alentos der teu halito suavissimo
Ao meu peito de orvalho sequioso,
Talvez lhe escutes uma vez ainda
As notas de algum canto venturoso!

.....

E como esta muitas mais. Percebe-se na *Lagrima* o sabor dos versos de Victor Hugo. Ha encantos de

luz e de esmalte em diversas outras composições, como nas *Estrellas*, no *Berço*, no *Tumulo*, nos trechos XXIII e XXXIII, e na elegia á morte de Manuela Rey.

Mostram em pontos as *Apparições* que o auctor comprehende já perfeitamente que ao poeta incumbe, a mais de ser crente, verdadeiro e original, a preconisação dos grandes principios. Deduzo isto de varias poesias em que são visiveis as tendencias philosophicas. N'estas poesias que, a meu ver, não valem, por ora, as que anteriormente citei, primará de certo mais tarde a sua vocação robusta, com a firmeza de mão e a segurança de raciocinio que lhe hão de, naturalmente, fluir da edade e do estudo. Adquirirá então o folego que, por vezes, lhe não vem amplo agora, e a unidade de pensamento, essa condição indispensavel para trabalhos de similhante ordem, cuja ausencia tanto é para deplorar nas obras da maior parte dos nossos escriptores, e, doloroso mas justo é confessal-o, em algumas até das mais victoriadas.

A sua estreia, pois, é explendida; explendidissimo o porvir que, sem receio, se lhe pode augurar. Dou-lhe por isso os meus fervorosos parabens.

Permitta-me agora um conselho. Prosiga sem frouxidão no caminho encetado, mas prosiga sem

impaciencia; não tenha pressa de chegar; lembre-se de que a fama conquistada a palmo e palmo é, ordinariamente, a só perduravel, emquanto que as reputações usurpadas de assalto, ninguem as contesta na occasião, mas ninguem se recorda d'ellas vinte annos depois. Se a critica o maltratar, ou, peior, se o deixar desapercebido, não desanime; os contemporaneos são, em geral, pessimos julgadores; olhe mais para diante; confie nos recursos em que abunda, e conte com o futuro. Nem ha triumpho sem lucta, nem, como o meu amigo diz no seu livro,

... ha ceu de azul e de ouro
Por sobre a tua cabeça
Que o incendio não abraze
E a nuvem não escureça!

Evoque as suas visões de alva chlamyde, embeba-se nos seus devaneios phantasiosos. Insista em aprimorar o gosto, em avigorar as faculdades, em aperfeiçoar a fórma. Corresponda, por ultimo, como deve, e eu sei que ha de fazer, ao que todos do seu talento aguardamos, á obrigação que para com todos nós, os que amamos as lettras, contrahiu nos excellentes *alexandrinos* com que encerra a sua

obra; *alexandrinos* que se me afiguram irreprehensivelmente cinzelados, com os quaes tenho por certo que ha de folgar o grande mestre que entre nós os implantou, e que eu passo a copiar para que devéras se feche o livro com chave de ouro:

Emquanto o manto azul do puro firmamento
De estrellas aos milhões bordado eu possa ver;
E, o silencio da noite unindo-se ao lamento
Do cysne vagabundo, em sonhos me embeber;

Emquanto resoar nas balsas um gorgeio
Das rosas na fragrancia alando-se até Deus;
Emquanto se expandir em jubilos o seio
Ao ver baixar a luz, ao ver sorrir os ceus;

No candido fulgor mergulha-te, ó minha alma,
E aspira na amplidão, nos lucidos umbraes,
A essencia divinal que a dor em nós acalma
E os lyrios faz viçar por entre os vendavaes!

Não serão estes *lyrios* os novos canticos com que o poeta protesta continuar a enlevar-nos?

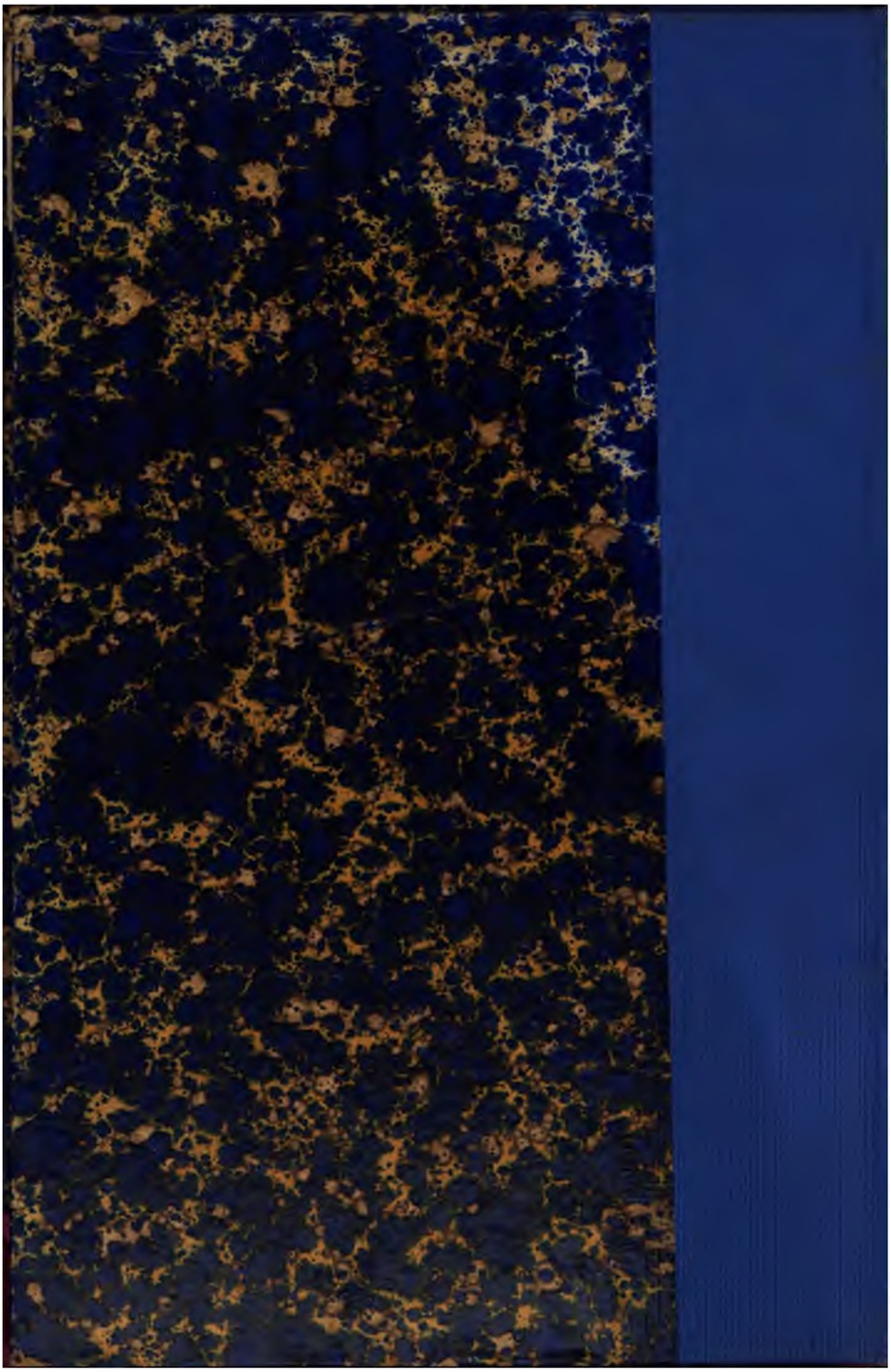
A par da certeza do muito que exultarei com as palmas que advenham a coroal-o, receba um abraço,

meu caro Guilherme de Azevedo, em testemunho da sympathia, da admiração e da estima com que sou

S. C. em Lisboa, 3 de julho de 1867

Seu amigo

Ernesto Marecos.

INDICE

	Pag.
No silencio da noite quando a aragem	5
Á musa	7
Ao seculo	9
És a mesma	13
Trovoadas de maio	17
A morte de Manuela Rey	21
Luz e sombras	25
Adoração	29
A ultima rosa do verão	33
O berço	41
O tumulo	47
A uma estrella	53
Ámanhã, quando a flor do jasmineiro	57
Lá vem, lá surge, que a vejo	65
Foge!	71
A dança dos phantasmas	75
Oh! sim que és linda! a innocencia	81
As estrellas	87
A lagrima	89
Incertezas	93
Saudade	99
—Reclina a fronte em meu hombro	103
Canção	105
Eu quero a chamma que rescalda a fronte	107
Talvez que eu morra cedo! mas se um dia	113